



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
CAMPUS DE MARÍLIA  
Faculdade de Filosofia e Ciências

**Larissa de Mello Lima**

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA E SOCIAL DA  
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: uma análise  
discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua  
primeira década**



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Marília  
2017

Larissa de Mello Lima

A INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA E SOCIAL DA  
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: uma análise  
discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua  
primeira década

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da  
Universidade Estadual Paulista-Júlio de Mesquita Filho  
(UNESP), Campus de Marília, como requisito para obtenção do  
título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Tecnologia e  
Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da  
Informação

Orientador: João Batista Ernesto de Moraes

Financiamento: CAPES

Lima, Larissa de Mello.  
L732i A institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua primeira década / Larissa de Mello Lima. – Marília, 2017.  
100 f. ; 30 cm.

Orientador: João Batista Ernesto de Moraes.  
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2017.  
Bibliografia: f. 95-100.

1. Ciência da informação - Congressos. 2. Análise do discurso. 3. Epistemologia. I. Título.

CDD 025.04

LIMA, Larissa de Mello. A Institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua primeira década. 2017. 100 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2017

**Larissa de Mello Lima**

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA E SOCIAL DA  
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: uma análise  
discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua  
primeira década**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da  
Universidade Estadual Paulista-Júlio de Mesquita Filho  
(UNESP), Campus de Marília, como requisito para obtenção do  
título de Mestre em Ciência da Informação.

**Área de concentração:** Informação, Tecnologia e  
Conhecimento.

**Linha de Pesquisa:** Produção e Organização da  
Informação

**Orientador:** João Batista Ernesto de Moraes

**Financiamento:** CAPES

Aprovada em: 23/02/2017

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes – PPGCI/Unesp. Orientador

Dr. Daniel Martínez-Ávila – PPGCI/Unesp. Examinador interno

Dr. Gracy Kelli Martins – UFCA/Universidade Federal do Cariri.

Examinador Externo

Marília  
2017

## Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos Deuses, ao meu guia espiritual e a todos os espíritos de luz que me proporcionaram coragem e força ao longo destes dois anos de Mestrado.

Agradeço aos meus pais; João e Lúcia e ao meu irmão; Luan, por sonharem comigo e por me darem suporte psicológico e financeiro para continuar minha trajetória acadêmica. Eu amo muito vocês, minha base. É tudo por vocês. Obrigada!

Agradeço ao meu namorado Vinícius por todo o apoio psicológico e financeiro, pela paciência, pela parceria incrível, por nossos momentos que sempre me trouxeram paz e aconchego. Por me aceitar imperfeita e real. Você é meu amor, meu trevo de quatro folhas e meu recanto. Eu amo muito você. Obrigada!

Agradeço aos meus amigos de São Paulo, os melhores, pela paciência com a minha ausência. Rodrigo, meu amado amigo, obrigada pelas revisões no meu texto de qualificação e por ser essa pessoa que me traz fôlego em forma de poesia com as nossas conversas. Amo você. Cintia, my person; nega, o que seria de mim sem você pra me fazer rir de mim mesma? Obrigada pela leveza que a nossa amizade me dá. Amo você. Obrigada, obrigada!

Agradeço à Natália Tognoli pela amizade rara que temos construído ao longo destes últimos dois anos. Obrigada por ser morada, pelas conversas, conselhos, dicas, puxões de orelha, desabafos e por toda a ajuda que você e sua família linda me deram; Ao Gil pelos Gnocchis e piadas, À Cecília e ao Vicente por me mostrarem que a beleza da vida reside nos sorrisos que me dão quando estamos juntos. Amo vocês. Muito obrigada!!

Agradeço a todos os professores do PPGCI com quem tive a oportunidade de fazer disciplinas; vocês ampliaram minha visão de mundo. Obrigada por todo o conhecimento compartilhado. Foi uma honra poder aprender com vocês.

Agradeço ao grupo de pesquisa FAPOI pela companhia nas tardes no Cedhum e também por ter me cedido o material para a análise de dados deste trabalho. Muito Obrigada!

Agradeço aos meus amigos da Pós graduação com quem tive a oportunidade de escrever em parceria; À Renata Gutierres, À Cynthia, À Rafaela Carolina. Muito obrigada pela oportunidade de compartilhar e trocar figurinhas com vocês.

Agradeço à Mariana Caprioli pela amizade e cumplicidade ao longo destes anos. Ter você como parceira em artigos, trabalhos, jogatinas e hambúrguers têm sido uma surpresa muito grata! Sorte na sorte, obrigada por me aturar rs.

Agradeço à Ana pela amizade construída, pela troca de figurinhas no Cedhum e por ter me indicado Call the Midwife. (rs). Somos muito parecidas no final das contas e você é uma super querida para mim! Obrigada!

Agradeço à Lais por ter sido a grata surpresa de 2016. Obrigada por ser minha roommate e por ter me proporcionado paz e serenidade para finalizar este trabalho! Você é muito querida por mim! Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Agradeço à Ariane por me ajudar com a formatação e normalização deste trabalho! Além disso, pelas conversas no Cedhum e por tentar me acalmar. Rs. Já te adoro! Obrigada!

Agradeço à professora Gracy Martins, por ter aceito tão gentilmente ser membro da banca de qualificação e defesa. Obrigada pelas dicas e norteamentos, foram fundamentais para a finalização do trabalho. Muito obrigada!

Agradeço ao professor Daniel Martinez-Ávila, pela amizade construída ao longo destes dois anos. Muito obrigada por depositar tanta fé em mim, pelos conselhos, parcerias em trabalhos e por ter aceito ser membro da banca de qualificação e defesa. Seu ponto de vista foi muito importante para a finalização do trabalho. Muito obrigada.

Agradeço ao meu orientador João Batista por ter tanta paciência comigo, por ter se tornado ao longo destes 6 anos, além de orientador, um amigo muito querido com quem posso contar! Obrigada pelas orientações, correções, por não me deixar desistir e por ter sempre uma piada para me fazer rir. Muito obrigada!

Por ultimo, mas não menos importante, agradeço a Capes pelo finamento da pesquisa que proporcionou liberdade para que eu pudesse fazer o trabalho da melhor maneira possível. Muito obrigada!

## RESUMO

A partir das considerações obtidas no trabalho "O percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil: Uma análise discursiva a partir dos periódicos "Ciência da Informação" e "Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG" é possível afirmar que o período em que realizou a análise (década 1970) ficou marcado enquanto época que buscava por elementos formadores da espinha dorsal na consolidação epistemológica da área. Em oposição a esta perspectiva, foi verificado, por meio da análise das formações discursivas, um tratamento periférico em relação à epistemologia sendo retomado exaustivamente a questão da interdisciplinaridade que incide sobre a área. Além disso, foi possível verificar a importância das Instituições enquanto instâncias de validação científica dando destaque para os canais de comunicação formais; os periódicos analisados, enquanto elementos que promoviam o encontro entre as formações discursivas da área. O tratamento periférico em relação à epistemologia pode ser explicado pela institucionalização recente da Ciência da Informação no Brasil e acredita-se que para que este tratamento seja central é fundamental investigar uma outra camada da comunicação científica sendo este o tema central da proposta desse novo estudo, partindo da problemática de que os anais de eventos representam um nível de formalidade equivalente ao dos periódicos científicos na medida em que ambos canais de comunicação tem se institucionalizado formalmente através de sociedades científicas ao redor do mundo nos últimos 20 anos em nível internacional e nacional. Para tanto acredita-se ser viável um olhar discursivo verticalizado que situe como a perspectiva epistemológica vem sendo tratada. Ou seja: Como tem sido delineada a institucionalização cognitiva e social da área no Brasil? Para responder esta questão elenca-se como prioridade a busca por elementos que tornem possível o delineamento do percurso discursivo trilhado pela Ciência da Informação a partir da análise discursiva dos anais do GT 1 do ENANCIB sobre os estudos históricos e epistemológicos da área em nível de pós graduação. Acredita-se que a institucionalização cognitiva e social tem o poder de ressaltar a opacidade da institucionalização científica, sendo esta última responsável e refém de suas próprias enunciações.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação; Epistemologia; Anais; Análise do Discurso.

## ABSTRACT

Based on the considerations of the work "O percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil: Uma análise discursiva a partir dos periódicos "Ciência da Informação" e "Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG," it is possible to state that the period in which the analysis was conducted (the 1970s) was marked as a time that was seeking founding elements in the epistemological consolidation of the area. In opposition to this perspective, it was found through the analysis of discursive formations a peripheral treatment in relation to epistemology that focuses on the question of interdisciplinarity, that affects the area. In addition, it was possible to observe the importance of institutions as instances of scientific validation and especially the formal channels of communication: the studied periodicals as elements that promoted the interaction between the discursive formations of the area. The peripheral treatment in relation to epistemology can be explained by the recent institutionalization of Information Science in Brazil, and it is believed that this treatment is essential to investigate another layer of scientific communication which is the central theme of the purpose of this new study, based on the issue of conference proceedings representing a level of formality equivalent to academic journals inasmuch both communication channels have been formally institutionalized through scientific societies around the world over the last 20 years at international and national levels. Thus, it is believed to be a viable to take a deep discursive look to analyze how epistemological perspective is being treated. In other words: How has the cognitive and social institutionalization of the area in Brazil been outlined? To answer this question, has as overall objective the search for elements that make the design of the discursive formations in Information Science possible based on the discursive analysis of the GT1 ENANCIB proceedings regarding the historical and epistemological studies of the area at a postgraduate level. I believe that cognitive and social institutionalization have the power to highlight the opacity of scientific institutionalization, the latter being responsible and subject to its own utterances.

Keywords: Information Science; Epistemology; Proceedings ;Speech analysis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Formações discursivas enquanto elementos da institucionalização cognitiva.....	88
Figura 2: A institucionalização social da Ciência da Informação na primeira década do GT1 do ENANCIB.....	91

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Releitura do método de Pêcheux & Fuchs (1975) por Orlandi (2000).....	27
Quadro 2: Trabalhos do GT1 do ENANCIB que serão analisados discursivamente .....	39
Quadro 3: Trabalhos analisados e suas teorias marjoritarias.....	84
Quadro 4: Teorias agrupadas por similaridade teórica e sua ocorrência <sup>1</sup> .....	87

## CAPÍTULO 6: LISTA DE QUADROS

6.1 <i>Epistemologia da Ciência da Informação revisitada</i> . Jaime Robredo – 2003.....	41
6.2 <i>Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa transdisciplinar</i> . Maria Nélide González de Gómez – 2003.....	43
6.3 <i>Transdisciplinaridade na Ciência da Informação</i> . Lucinéia Maria Bicalho; Mônica Erichsen Nassif Borges - 2003.....	45
6.4 <i>Faces da pesquisa e da interdisciplinaridade em Ciência da Informação no Brasil</i> . Renato José da Silva- 2005.....	47
6.5 <i>Evolução e tendências da Ciência da Informação, no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas</i> . Lena Vânia Ribeiro Pinheiro – 2005 .....	49
6.6 <i>A Ciência da Informação e a crítica ao modelo científico: uma revisão histórica</i> . Giulia Crippa; Marco Antônio Almeida – 2005.....	51
6.7 <i>Por uma Ciência Formativa e Indiciária: proposta epistemológica para a Ciência da Informação</i> . Eliany Alvarenga de Araújo – 2005 .....	53
6.8 <i>Movimentos interdisciplinares e rede conceitual na Ciência da Informação</i> Lena vania Ribeiro Pinheiro – 2006 .....	55
6.9 <i>A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto a organização do conhecimento: elementos para uma reflexão</i> . José Augusto Chaves Guimarães; Rodrigo Rabello – 2006 .....	58
6.10 <i>Paradigmas e modelos em Ciência da Informação</i> . Leonardo Vasconcelos Renault; Ana Maria Rezende Cabral – 2006 .....	60
6.11 <i>Diversidades na visão dos docentes da Ciência da Informação sobre sua área</i> . Carlos Alberto Ávila Araújo – 2007 .....	63

---

6.12 <i>Novas configurações do conhecimento e validade da Informação.</i> Maria Nélida González de Gomes – 2007.....	65
6.13 <i>Epistemologia Genética e Ciência da Informação: Consonâncias estruturantes.</i> Luiz Henrique G. Castiglione – 2007.....	69
6.14 <i>Ciência da Informação e Gestão do Conhecimento: a convergência a partir da Sociedade da Informação.</i> Lilian Alvares; Fábio Ferreira Batista. 2007.....	71
6.15 <i>Imago e vivência: uma reflexão filosófica sobre o existencialismo e o pragmatismo da Ciência da Informação.</i> Gustavo Silva Saldanha – 2008.....	73
6.16 <i>Geração do Conhecimento teórico em Ciência da Informação no Brasil, questões e paradigmas na abordagem da elite.</i> Lena Vânia Ribeiro Pinheiro – 2008.....	75
6.17 <i>Entre a retórica e a filosofia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação.</i> Gustavo Silva Saldanha – 2009.....	77
6.18 <i>O documento na Ciência da Informação: tradição e inovação conceitual a partir de uma abordagem histórica e epistemológica.</i> Rodrigo Rabello – 2009..	79
6.19 <i>Situando a Epistemologia Social no contexto da Ciência da Informação.</i> Nanci Elizabeth Oddone – 2010.....	82

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Escopo da dissertação.....	14
1.2 Proposição.....	16
1.3 Problemática.....	17
1.4 Objetivos.....	17
1.5 Justificativa.....	18
2 DELINEAMENTO DO MÉTODO.....	20
2.1 Aspectos teóricos da Análise do Discurso: revisitando elementos de sua história e conceitos.....	24
2.2 Análise do Discurso no Brasil.....	25
3 METODOLOGIA.....	27
4 PRIMEIRA FASE TEÓRICO-METODOLÓGICA: CANAIS DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA E SOCIAL.....	29
5 SEGUNDA FASE TEÓRICO-METODOLÓGICA: SELEÇÃO DOS TRABALHOS.....	37
6 TERCEIRA FASE TEÓRICO-METODOLÓGICA: ANÁLISE 41 DISCURSIVA DOS ANAIS DO GT1 EM SUA PRIMEIRA DÉCADA.....	41
7 QUARTA FASE TEÓRICO-METODOLÓGICA : DISCUSSÃO DOS 84 RESULTADOS.....	84
8 CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICE A – TRABALHOS ANALISADOS.....	99

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo surge a partir do que foi desenvolvido no decorrer da pesquisa financiada pela FAPESP<sup>2</sup> intitulada “*O percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil: Uma análise discursiva a partir dos periódicos Ciência da Informação e Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*”.

Ao longo do primeiro ano do mestrado foram realizadas cinco disciplinas que possuem impacto direto na forma de como este relatório está estruturado.

No primeiro semestre de 2015 foram cursadas duas disciplinas: A primeira denominada “Bases Epistemológicas em Organização do conhecimento”, ministrada pelo Professor Jose Augusto Chaves Guimarães. A ementa da referida disciplina é enunciada no seguinte período:

Considerando a natureza mediadora da organização da informação, bem como seu aspecto nuclear para a identificação disciplinar da própria Ciência da Informação, busca-se analisar, por meio do resgate dos clássicos da área, a organização da informação no contexto epistemológico da Ciência da Informação. Para tanto, parte-se da trajetória e da delimitação do objeto da área para se chegar à dimensão teórica da organização da informação valendo-se, para tanto, da abordagem de quatro correntes teóricas; catalogação de assunto, indexação, análise documental e organização do conhecimento.

A realização desta disciplina foi profícua pois proporcionou o contato com clássicos da área até então desconhecidos e o aprofundamento acerca da literatura do autor Bernd Frohmann, fazendo com que fosse possível estabelecer um paralelo entre a Análise do Discurso e o Regime de Informação.

Este paralelo gerou o artigo final da disciplina e que também foi submetido para o evento IV seminário Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade que gerou um capítulo de livro: “Frohmann e o Regime de Informação no Brasil: Aporte teórico discursivo”. No livro intitulado: “Políticas de informação, universidade e desenvolvimento” coordenado pelas professoras Dra. María Aurora Cuevas Cerveró e Dra. María Teresa Fernández-Bajón Da Universidadde Complutense de Madrid.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> LIMA, L. M.; MORAES, J. B. E. ; CAPRIOLI, M. S. Frohmann e o Regime de Informação no Brasil: Aporte teórico discursivo. IV Seminário Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade e IV Seminário de Competência em Informação, 1ed. Brasília: , 2015, v. 3, p. 55-64.

A segunda disciplina que foi cursada no primeiro semestre de 2015 foi intitulada “Questões Bibliométricas em Produção e Organização da Informação” e ministrada pelas professoras Ely Francina T. De Oliveira e Maria Claudia Cabrini Grácio. A ementa da disciplina segue na transcrição a seguir:

Propõe-se a apresentar recursos e procedimentos metodológicos para avaliar a produção científica nas diversas áreas do conhecimento, para que se possa visualizar o comportamento da ciência, utilizando-se análises qualitativas e quantitativas, por meio de indicadores bibliométricos e procedimentos estatísticos e computacionais.

A realização desta disciplina também foi proveitosa pois a partir dela pode-se ter um olhar mais específico para a perspectiva quantitativa de análise de dados em uma pesquisa científica.

Ao ser traçado um paralelo com a análise do discurso o artigo final da disciplina realizou um estudo que objetivou avaliar a Análise do Discurso nos estudos em Ciência da Informação no Brasil, sob a perspectiva da análise bibliométrica de suas comunidades discursivas, em que se encontravam os pesquisadores brasileiros expoentes que tratam da temática e seus referentes teóricos.

Este trabalho foi aperfeiçoado em parceria com a Doutoranda Renata Cristina G. Castanha e o Professor Daniel Martínez-Ávilla e submetido para a revista Perspectivas em Ciência da Informação, no dia 20 de maio deste ano. O artigo está em status de avaliação pelos pareceristas do periódico.<sup>4</sup>

No Segundo semestre de 2015 foram realizadas três disciplinas. A primeira delas intitulada: “Bases Teórico-Metodológicas da análise de domínio em Ciência da Informação” foi ministrada pelos professores José Augusto Chaves Guimarães, Maria Cláudia Cabrini Grácio e Natalia Bolfarini Tognoli. A ementa da disciplina é destacada a seguir:

Considerando atualidade e a relevância que os estudos de análise de domínio vêm assumindo no âmbito da Ciência da Informação, discutem-se, mais especificamente, suas contribuições teóricas e metodológicas para a produção e a organização da informação. Para tanto, parte-se do aspecto histórico-conceitual do domínio para se

---

<sup>4</sup> CASTANHA, R. C. G; LIMA, L. M; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Análise do discurso sob a perspectiva bibliométrica nos estudos da Ciência da Informação no Brasil. Submetido em: 20.05.2016. Em avaliação. Perspectivas em Ciência da Informação.

chegar às abordagens e dimensões possíveis, em especial a partir dos estudos de Hjørland e Tennis e tendo por pano de fundo os estudos metateóricos propostos por Ritzer, com ênfase nos aspectos epistemológicos, históricos, terminológicos, bibliométricos e cientométricos.

A realização desta disciplina foi interessante, pois propiciou o aprofundamento teórico em alguns elementos que também haviam sido tratados na disciplina de questões bibliométricas. Gerou um trabalho em parceria com a Doutoranda Renata C. G. Castanha para o 5º Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria (EBBC) nos dias 6, 7 e 8 de julho intitulado: “Análise do Discurso sob a perspectiva bibliométrica nos estudos de citação da Ciência da Informação no Brasil”<sup>5</sup>. Está publicado na forma de Anais de eventos.

A segunda disciplina realizada no segundo semestre de 2015 foi a “Critical theories in knowledge organization” ministrada pelo Professor: Daniel Martínez-Ávilla. A ementa da disciplina é a seguinte:

This course will examine the descendants of the Frankfurt School (Adorno, Horkheimer, etc.) and of its revision by Habermas to look at the expanded definition of critical theory to critical theories, including poststructuralism, feminist theory, queer theory, critical race theory, etc. Each unit will take concepts, ideas, and techniques from a critical theoretical approach and apply them to the issues that have long surrounded subject representation in knowledge organization systems.

A realização desta disciplina foi tão efetiva que propiciou um maior entendimento sobre pos-estruturalismo a partir dos aprofundamentos teóricos acerca da obra de Michel Foucault e sua contraposição com outras escolas de pensamento, perspectiva que auxiliou de maneira direta na seção sobre os elementos teóricos e conceituais da Análise do Discurso Francesa.

Além disso a partir de um maior entendimento sobre a perspectiva qualitativa de dados foi ministrada a palestra “Análise do discurso como metodologia qualitativa para a Ciência da Informação” para os alunos do segundo ano do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp no dia 19 de abril de 2016 na disciplina “Metodos qualitativos aplicados à Ciência da Informação” do Professor Daniel Martínez-Ávilla.

---

<sup>5</sup> CASTANHA, R. C. G.; LIMA, L. M. . Análise do Discurso sob a perspectiva bibliométrica nos estudos de citação da Ciência da Informação'. 5 EBBC - Encontro Brasileiro de Bibliometria e Ciontometria. 2016 (Anais)

A terceira disciplina ministrada no segundo semestre de 2015 foi a “Linguística documental, terminologia e ontologias: relações dialógicas” ministrada pelo professor Walter Moreira. Possui a seguinte ementa:

Analisa a dimensão conceitual das ontologias, considerano-se as abordagens da filosofia, da ciencia da informação e da ciência da computação. Discute o fenômeno informacional com sustentação nas ciências da linguagem, evidenciando os aspectos teóricos e metodológicos da linguística documental. Investiga a relação entre categorias e conceitos na organização do conhecimento e busca compreender as interlocuções das ontologias com outros instrumentos de organização do conhecimento tais como classificação, os tesouros e taxonomias.

A referida disciplina foi produtiva, pois trouxe o entendimento sobre a relação entre a linguística documental e a Análise do discurso. Foi possível calibrar o olhar para as referidas disciplinas enquanto objeto de estudo, esta perspectiva de olhar para a Análise do discurso enquanto objeto de pesquisa foi interessante na medida em que permitiu legimitar ainda mais a Análise do Discurso enquanto metodologia de pesquisa para os estudos da Ciência da Informação. O artigo final da disciplina foi apresentado no VI Seminário em Ciência da Informação no dia 6 de Agosto de 2016 e será publicado na forma de Anais.<sup>6</sup>

Todo este trajeto foi trilhado a fim de mostrar em como cada trabalho realizado impactou diretamente no desenvolvimento teórico e metodológico na medida em que proporcionou o amadurecimento de ideias para serem desenvolvidas no trajeto que será trilhado a seguir.

### 1.1 Escopo da dissertação

A partir das considerações proporcionadas pela realização do trabalho “O Percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil: Uma análise discursiva a partir dos periódicos Ciência da Informação e Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG” (LIMA, 2015), acima citado, notou-se que a análise discursiva da área, a fim da caracterização de sua identidade, requer observação atenta para uma série de elementos que tangenciam a mesma, ou seja, é

---

<sup>6</sup> LIMA, L. M.; MOREIRA, W.; MORAES, J. B. E. . Linguística Documentária e Análise do Discurso: um mapeamento entre conceitos. 2016. In: VI Seminário em Ciência da Informação (SECIN). 2016. (Anais).

necessário ultrapassar o que é dito (“A ciência da informação é interdisciplinar”) e interligar o “como é dito”, a partir de qual contexto sócio histórico está sendo legitimado este dizer; por se tratar do discurso científico, atrelado a que matrizes institucionais e científicas.

Tendo em vista que a Ciência da Informação no Brasil é recente, torna-se legítimo dizer que o estatuto da sua cientificidade é dado através da sua institucionalização, ou seja, torna-se necessário neste estudo percorrer os meandros da institucionalização cognitiva e social (WHITLEY, 1994), a fim de caracterizar o percurso discursivo da institucionalização científica.

Martins (2014) explica que a institucionalização da Ciência da Informação se dá através de um processo que interliga o seu caráter social com a perspectiva de legitimidade enquanto prática científica. Caracteriza ainda o caráter híbrido do alicerce desta institucionalização aliando o processo de avaliação entre os pares com a divulgação da pesquisa através da publicação em periódicos e eventos científicos, por exemplo.

Adentrando nos meandros da institucionalização, Martins (2014) retoma Bourdieu (1989) para definir a estruturação do campo científico. Este, basicamente, baseia-se nos indivíduos na relação com o volume do capital científico, caracterizando desta forma a estrutura do campo. Esta estrutura define que os campos “são o lugar de duas formas de poder” (BOURDIEU, 1989, p. 35).

Uma das formas de poder para Bourdieu (1989) se manifesta através de um produto que é simbólico, na medida em que se materializa no reconhecimento dos pares concorrentes de determinado campo científico a partir de suas legitimidades institucionais, políticas e temporais. A outra forma estaria no prestígio individual, ou seja, a partir do reconhecimento de seus pares aliados. Este reconhecimento é responsável por legitimar pesquisas, teorias, ou refutá-las.

Unir estas duas formas de poder é caracterizar a institucionalização cognitiva e social, evidenciando a opacidade da institucionalização científica.

No que tange aos eventos da área de Ciência da Informação, torna-se fundamental ressaltar, de antemão, que a mesma tem se institucionalizado formalmente em sociedades científicas ao redor do mundo nos últimos 20 anos em nível internacional e nacional.

Nesse contexto de institucionalização cognitiva e social (WHITLEY, 1994), é importante caracterizar o papel da ANCIB' que é "uma sociedade civil sem fins lucrativos" (ANCIB, 2015), criada em 1989, momento este em que os programas de Pós-Graduação da área se uniram a fim de dar elementos para validação institucional e científica da área, ao criar este espaço de interlocução entre os sócios institucionais e sociais da Ciência da Informação no Brasil. A partir desta perspectiva é legítimo dizer, então, que a ANCIB desempenha papel norteador que merece investigação discursiva, na medida em que esta regulamenta a pesquisa em pós-graduação da área, conforme destacado:

As atividades da ANCIB estruturam-se em duas frentes: os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, que são representados pelos seus coordenadores, e o Encontro Nacional de Pesquisa da ANCIB (Enancib), fórum de debates e reflexões que reúne pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação, organizados em Grupos de Trabalho. (ANCIB, 2015)

A frente representada pelo Encontro Nacional de Pesquisa da Ancib constitui o evento de maior importância no país para os pesquisadores em Ciência da Informação. Os temas que circulam em seus grupos de trabalho formam a espinha dorsal da área, que já contou com um total 15 encontros. Sua primeira edição foi sediada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1994 e, até o seu quarto encontro em 2000, não havia um grupo de trabalho destinado a discutir a epistemologia da área. Caracterizar os desdobramentos da primeira década de enfoque dado a Epistemologia, no que diz respeito a como são apresentadas nos trabalhos suas teorias, é o foco deste trabalho.

Tal perspectiva confirma o fato de que a Ciência da Informação é recente e necessita de balizas teóricas mais bem definidas, conforme ressaltado por Lima (2015), havendo assim a necessidade de se investigar, sob a ótica da análise do discurso de matriz francesa, o canal de comunicação científica expresso nos anais do GT do ENANCIB sobre estudos históricos e epistemológicos.

## 1.2 Proposição

Torna-se claro, desta forma, afirmar que a proposição desta pesquisa é a realização de um delineamento discursivo da institucionalização cognitiva e social

da área a partir da análise discursiva dos anais da primeira década do GT 1 do ENANCIB sobre os estudos históricos e epistemológicos da área em nível de pós graduação.

### 1.3 Problemática

A problemática deste trabalho é dada através da seguinte pergunta: Como tem sido delineada a institucionalização cognitiva e social da área no País nos anais da primeira década GT1 do ENANCIB?

Parte-se da perspectiva de que os anais de eventos representam um nível de formalidade equivalente ao dos periódicos científicos, na medida em que ambos os canais de comunicação têm se institucionalizado formalmente através de sociedades científicas ao redor do mundo nos últimos 20 anos em nível internacional e nacional. Para tanto, acredita-se ser viável um olhar discursivo verticalizado que situe como a perspectiva epistemológica vem sendo tratada.

### 1.4 Objetivos

Neste momento serão elencados os objetivos do trabalho

Objetivo geral:

Delineará o percurso discursivo trilhado pela Ciência da Informação em seu evento de maior importância no país, o ENANCIB, através da análise discursiva dos Anais do GT 01 sobre estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação em sua primeira década. De maneira mais específica o interesse é realizar uma sistematização das formações discursivas e ideológicas das teorias dos Estudos Epistemológicos.

Objetivos específicos:

- Realizará a intersecção entre a Linguística e a Ciência da Informação de acordo com o foco, ao longo dos últimos anos, dos estudos do grupo de pesquisa “Análise documentária” em nível de Graduação e Pós-Graduação.
- Evidenciará na composição do grupo de pesquisa “Linguagem, Discurso e Organização do Conhecimento” a importância da incorporação do termo “Discurso”

como elemento norteador para os estudos da linguagem na intersecção com a organização do conhecimento.

- Auxiliará nas discussões acerca da Ciência da Informação em sua contemporaneidade, através dos anais do GT1 do evento de maior importância na área, ENANCIB.
- Sistematizará as diferenças e semelhanças discursivas dos trabalhos publicados nos anais do grupo de estudos sobre estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação através da aplicação do método adaptado por Orlandi (2000), se atendo as teorias dos Estudos Epistemológicos.
- Retratará as formações discursivas da institucionalização recente da Ciência da Informação por meio de figuras e quadros.

### 1.5 Justificativa

Este trabalho justifica-se na medida em que se acredita que os anais de eventos apresentam um nível de equivalência em relação aos periódicos científicos a partir da chancela social dada pela Capes, por exemplo, no “Relatório de Avaliação 2010-2012 – Trienal 2013”, no item em que busca avaliar a Qualidade das Teses e Dissertações e da produção de discentes autores da pós-graduação e da graduação.

Para a avaliação do relatório trienal 2013 da CAPES, foi utilizada uma metodologia que relacionou os itens “cômputo no triênio da *produção de artigos completos publicados em periódicos técnico-científicos e trabalhos completos publicados em anais de eventos técnico-científicos*; - número de discentes do programa, no triênio.” (CAPES, 2013, p. 31 grifo nosso).

A composição desta metodologia mostra de forma clara que a CAPES passa a considerar como produção científica relevante para publicação os anais de eventos técnico-científicos da área, na mesma medida em que considera os artigos científicos.

Portanto, há legitimidade institucional e social no objeto desta pesquisa que está representado nos Anais do GT1 – Estudos históricos e metodológicos em Ciência da Informação do ENANCIB.

Além disso, contribui para a discussão teórico-metodológica de conceitos fundamentais da Ciência da Informação à luz da análise do discurso.

Uma vez que se utiliza da Análise do Discurso enquanto aporte teórico, esta pesquisa poderá auxiliar agregando novos modos de aplicar conceitos da Análise do Discurso, sendo um campo fértil para aplicação de seu método.

No capítulo 1, foi apresentada a introdução buscando neste primeiro momento situar os elementos internos do PPGCI; as disciplinas realizadas, e também externos; os trabalhos publicados, que contribuíram para a escrita deste trabalho. Em seguida foi apresentado o escopo, a proposição, a problemática, os objetivos e a justificativa da dissertação.

No capítulo 2, será apresentado o delineamento do método do trabalho buscando situar os elementos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de Matriz Francesa. É um capítulo norteador para o trabalho pois apresentado o método de forma detalhada, ou seja, a maneira como os artigos serão analisados, através de um quadro com base em Orlandi e Pechêux&Fuchs.

No capítulo 3, será apresentada a metodologia do trabalho, enquadrando os capítulos que vem a seguir como fases teórico-metodológicas a fim de facilitar a leitura do tecido textual para o leitor.

No capítulo 4, denominado como, primeira fase teórico metodológica, será apresentada uma contextualização conceitual acerca dos canais de comunicação científica e a perspectiva teórica de institucionalização cognitiva e social, além disso será apresentada a ANCIB e o ENANCIB enquanto órgãos que fazem parte da institucionalização social e cognitiva da área

No capítulo 5, denominado como segunda fase teórico metodológica, será realizada a seleção dos trabalhos que serão analisados do GT1 em sua primeira década com as devidas considerações conceituais para contextualizar o leitor.

No capítulo 6, denominado como terceira fase teórico metodológica, serão analisados os 19 trabalhos selecionados.

No capítulo 7, denominado como quarta fase teórico metodológica será realizada a discussão dos resultados com a retratação das formações discursivas da institucionalização recente da Ciência da Informação por meio de figuras e quadros.

No capítulo 8, será apresentada a conclusão do trabalho.

## **2 DELINEAMENTO DO MÉTODO**

É importante situar de maneira preliminar alguns elementos que engendram a matriz teórica e histórica da Análise do discurso, para delinear como serão analisados os anais da primeira década do GT 1 do Enancib.

Deste modo, entende-se que tal matriz teórica e conceitual é percorrida a fim de demonstrar a riqueza da análise do discurso não apenas enquanto metodologia de pesquisa, mas também como método que tem suporte para situar a institucionalização recente da Ciência da Informação, extrapolando o limite “do que é dito” e entendendo o “como é dito”.

Não existe um consenso quanto ao estatuto histórico-conceitual da Análise do Discurso, pois ela é ponto de partida para correntes teóricas que tratam o discurso sob óticas diversas, ou seja, o enfoque a ser tomado depende de uma decisão que corresponda aos temas e objetivos de cada trabalho.

Neste caso, acredita-se ser pertinente percorrer os elementos do estatuto histórico conceitual da disciplina partindo do cenário francês com Foucault (1972), Pechêux (1975,1983), Maingueneau(1997), Ducrot (1987), para, então, entender a reinterpretação do mesmo pelo cenário Brasileiro com Orlandi (1999, 2000), Possenti(2009), Fischer (2012), Fregonezi (2002) e delineando, por fim, diálogo com a Ciência da Informação preconizado por autores como Frohmann (1994a, 1994b) Budd (2006).

Começamos então pela figura icônica de Michel Foucault na Análise do Discurso de Matriz Francesa. Polêmico em relação à corrente de pensamentos em que se enquadrava em a "Ordem do discurso", por exemplo, Foucault lança uma crítica aos pensadores que enquadram seus estudos enquanto "estruturalistas". Este livro representa uma síntese da primeira aula do filósofo ao assumir a Cátedra no Collège de France:

Em todo caso ao menos uma coisa deve ser sublinhada: a análise do discurso assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo de rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, de afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante. E agora os que têm lacunas de vocabulário que digam - se isso lhes soar melhor, que isto é estruturalismo. (FOUCAULT, 1972, p. 70)

Na passagem acima, Foucault (1972) destaca o fato do sentido não ser único, mas perpassado por camadas de validação que ao se cruzarem causam o impacto da rarefação, que, nada mais é do que a materialidade dos enunciados; estes, por sua vez, ao se relacionar, desembocam na multiplicidade de sentidos. A partir de então, surge o poder de afirmação de determinado sentido em detrimento de outro. Por trabalhar no limiar da oposição estrutural "rarefação/afirmação", defende-se do rótulo de estruturalista.

Possenti (2009) afirma que Foucault é o autor que, ao ser associado à análise do discurso, mais se distancia da Linguística. Tal afirmação é corroborada pelo fato de ter frisado que seus estudos não se enquadravam enquanto estruturalistas, conforme comenta Fischer (2012, p 120): "não deixa de ser curioso o quanto Foucault se empenhou em dizer, tanto nas inúmeras entrevistas que concedeu quanto nos seus livros, que não era um estruturalista e que deixassem de querer enquadrá-lo neste ou naquele rótulo."

Ao negar o rótulo, ele deixa de lado um legado de discussões oriundas da línguística de Saussure que mudou os paradigmas das ciências humanas do século XX com a marcante presença do estruturalismo em suas dicotomias.

Colocando em pauta outras maneiras de situar o discurso, temos a figura de Michel Pêcheux (1975; 1983), filósofo contemporâneo aos estudos de Foucault, que entende o discurso diante da perspectiva do acontecimento, da estrutura e da descrição, ou seja, o foco de Pêcheux é trabalhar estes três elementos em relação ao contexto, retomando a materialidade do enunciado. Este filósofo coloca em dúvida a situação do objeto discurso, ancora sua dúvida na perspectiva da opacidade do acontecimento, ou seja, para o referido autor, o enunciado, na análise do discurso, possui materialidade, porém tal materialidade está inserida na opacidade do acontecimento.

A opacidade do acontecimento caminha para o sentido, defendido por Pêcheux, de que a linguagem está sujeita a ambiguidades; uma série de sentidos dentro da matriz dos dizeres; sendo assim, o acontecimento é opaco na medida em que há um emaranhado de vozes que se cruzam refletindo formações ideológicas plurais.

A estrutura e o acontecimento não possuem uma distinção estrita para Pêcheux, pois os considera sempre em relação à sua exterioridade, ou seja, a exterioridade da estrutura de determinado discurso em paralelo com a exterioridade do acontecimento de outro discurso acarreta na perspectiva do interdiscurso/memória discursiva.

Segundo Orlandi (1999, p. 89-90), "O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso [...]". Desta forma, situa-se o interdiscurso no limiar do que já foi dito sobre determinada enunciação e se repete ao longo do tempo.

Para Pêcheux, "toda formação discursiva dissimula, pela sua transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação ao 'todo complexo dominante'" das formações discursivas.

Pêcheux defende que o discurso é a união do acontecimento, da estrutura e da descrição, sob o viés que relaciona a língua com a ideologia.

Torna-se interessante mostrar os pontos de convergência teórica entre Foucault e Pêcheux. É possível trabalhar tal perspectiva realizando um paralelo entre o conceito de "Interdição" em Foucault e "Formação discursiva" em Pêcheux.

Em "A ordem do discurso", Foucault explica o conceito de interdição no limiar de uma espécie de pêndulo, ou seja, os dizeres são regulados pelo "poder dizer", como ele bem assinala "não se pode falar de tudo em quaisquer circunstâncias" (Foucault, 1996, p.9), ou seja, esse poder dizer é revestido de uma série de elementos que tornam legitimada a enunciação do autor, que nunca é neutro e carrega nesse dizer a perspectiva institucional.

Já Michel Pêcheux (1983) fala de maneira muito semelhante sobre essas amarras no dizer, conceituando como "formação discursiva"; para o autor, a formação discursiva determina o que pode ou não ser dito dentro de determinado contexto. É importante pontuar que Foucault também se utiliza do conceito de formação discursiva, mas o entende enquanto a posição tomada pelo sujeito do discurso para que ele possa materializar a sua enunciação.

Através do percurso conceitual acima descrito, tornou-se possível entender a multiplicidade de abordagens que o objeto *discurso* pode assumir. A vertente centrada nos postulados de Van Dijk (1972), denominada Análise Crítica do Discurso, busca analisar enunciações focando-se nos problemas sociais e mecanismos políticos da atuação discursiva. Pode-se dizer que a escola Francesa da Análise do Discurso e a análise crítica do discurso compartilham o olhar sob a dimensão textual discursiva enquanto uma ruptura com a materialidade linguística.

A abordagem deste trabalho parte da teoria discursiva da Escola Francesa de Análise do Discurso. Pêcheux (1975), já referenciado acima, refere-se a esta como efeito de sentido entre interlocutores. Retomar Pêcheux e a perspectiva e memória discursiva é, de certa forma, se aliar à perspectiva de Ducrot (1987, p. 94), que, em uma de suas hipóteses, considera que, para compreender um enunciado, o locutor cumpre “as leis que regulamentam a tomada da palavra na coletividade linguística a que pertence”.

Bronckart (2008, p. 90) segue tal linha de pensamento ao entender o locutor como “textualizador”. “Instância a qual o autor empírico de um texto confia a responsabilidade sobre aquilo que vai ser enunciado.” A partir deste processo, o autor explica que são caracterizadas as vozes que são expressas no texto, ligando-se assim com a perspectiva de Ducrot, ao considerar que os sentidos estão sempre carregados de outros significados.

A partir deste procedimento, passou-se a entender que a Análise do Discurso de matriz francesa não se limita a estudos linguísticos, tratando-se da análise da parte gramatical superficial da língua, mas também leva em conta os aspectos externos à língua, como os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos que permeiam a produção de um discurso e que, por tal motivo, nele se refletem. Tais elementos externos são partes essenciais de uma abordagem discursiva.

Tem-se então:

Um conceito fundamental para a AD é, dessa forma, o de condições de produção, que pode ser definido como o conjunto dos elementos que cerca a produção de um discurso: o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando. Todos esses aspectos devem ser levados em conta quando procuramos entender o sentido de um discurso. (BRANDÃO, 2004, p.6)

O discurso está em constante influência, como visto, de elementos que o cercam, e dessa forma, observa-se que o contexto institucional é de grande

relevância no momento da análise de um discurso. Pontuando acerca desta perspectiva Pêcheux (1975) nos lembra que se ater ao contexto é levar em conta uma sequência linguística flexível, na medida em que

É impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas [que] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido de condições de produção. (PÉCHEUX, 1975, p.74).

Ao sofrer constante influência do contexto em que se está inserido leva-se a definição de Formação Discursiva. Dessa forma:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina "o que pode e o que deve ser dito" (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÉCHEUX 1975, p. 160).

Baseado em um determinado contexto, pautado em determinada Formação Ideológica, a Formação Discursiva determina o que pode ou não ser dito, levando a concluir que um discurso construído irá depender do contexto no qual está inserido, ou seja, de quem o fala, como o fala, em que época o fala, entre outros, para expressar o que se deseja.

## 2.1 Aspectos teóricos da análise do discurso: revisitando elementos de sua história e conceitos

Acredita-se ser importante retomar brevemente o contexto histórico pelo qual a França passava para contextualizar os mecanismos que tornaram possível dar importância para os estudos centrados no sujeito da linguagem e, por conseguinte, no discurso. Michel Pêcheux, filósofo de formação, começa a realizar uma forte ligação entre a Filosofia e as Ciências Sociais a partir de uma série de estudos centrados na Língua. (HENRY, 1997)

Tal perspectiva se liga com o movimento que começa a irromper na França de negação ao estruturalismo em meados da década de 1960. Buscava combater o excesso de formalismo e padronização dos elementos da linguagem tratados, por influência dos postulados de Saussure, de maneira estrutural.

Em “Curso de linguística geral”, Saussure afirma que língua e fala são diferentes, possuindo relação de oposição. Para Saussure a língua é o conjunto de signos estruturados, o todo, que uma comunidade utiliza para se comunicar, ou seja, é algo coletivo e social. Já a fala ele denomina como algo individual, particular, é a maneira como as pessoas usam a língua. Embora diferentes, elas se completam, são dependentes uma da outra. A língua, para que possa existir, se estabelecer, precisa de falantes. Desta maneira, a fala também precisa de um modo para existir, um código, uma ferramenta. Saussure fez seu estudo sobre a língua, pois, segundo ele, era propícia para aprofundamento naquele momento, deixando a fala de lado. (SAUSSURE, 1973)

Ao mesmo tempo em que deixou em segundo plano a fala, Saussure deixa aberto um campo de estudo rico e até então sem aprofundamento teórico.

Ao serem interligados estes fatores listados acima, o excesso de formalismo linguístico somado ao sujeito que conduz a fala sendo deixado em segundo plano, Pêcheux e seus seguidores criam a Análise do Discurso Francesa. O marco inicial da corrente teórica foi fixado no lançamento paralelo em 1969 da obra “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux, e da Revista Langages criada por Jean Dubois. (GREGOLIN, 1996; MAINGUENEAU, 1997).

Torna-se legítimo afirmar que eles possuíam um solo fértil para germinar teorias centradas no sujeito até então esquecido. Ele retoma, por exemplo, elementos da teoria do inconsciente coletivo de Lacan para dar conta de falar sobre o papel desempenhado pelo sujeito nos discursos.

Além disso, é colocada em primeiro plano a questão da ideologia. Ele afirma que “a ciência é antes de tudo a ideologia com a qual rompe”. Para falar de ideologia ele retoma Louis Althusser, de quem foi aluno, e a encara enquanto o que “interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, 1998), sendo reflexo de uma representação entre a realidade e o sujeito. Seu percurso teórico e metodológico na Análise do Discurso Francesa é sustentado na pirâmide que articula o materialismo histórico e a teoria da ideologia, a linguística e os processos de enunciação, e a teoria do discurso que coloca em centro a teoria de determinação histórica dos processos semânticos. (ORLANDI, 1999)

## 2.2 Análise do discurso no Brasil

Para falar sobre a escola brasileira de Análise do Discurso é necessário percorrer os desdobramentos teóricos da obra de Michel Pêcheux no território brasileiro que, devido a suas características históricas, desenvolveu-se de maneira diferente daquela presente no território francês. Devido ao percurso da análise do discurso no Brasil, é possível dizer que ainda fala-se muito em Pêcheux.

A sua introdução no Brasil sofreu grande influência do regime militar, de 1964 até meados da década de 1980. Costuma-se dizer que, no final dos anos 70 e no início dos anos 80, a análise do discurso foi instaurada no Brasil mais especificamente na UNICAMP, onde a professora Eni Pulcinelli Orlandi ministrava os primeiros cursos, devido ao enfraquecimento pelo qual passava a ditadura militar nesse período. Ela pondera a respeito da análise do discurso no Brasil:

Análise de discurso institucionaliza-se amplamente – não sem algumas resistências, alguns antagonismos – e, com sua produção e alcance teórico, configura-se como uma disciplina de solo fértil, com muitas consequências tanto para a teoria como para a prática do saber linguístico. (ORLANDI, 1999, p. 9)

O principal ponto é que, diferente do que aconteceu na França, acabaram por separar a análise dos textos, uma relacionada aos textos escritos e outra preocupada com a oralidade. No Brasil, a análise do discurso manteve o interesse em ambos os tipos de produções, dando uma sustentação diferente ao método e ao uso da mesma.

Orlandi orientou na Unicamp durante muitos anos uma série de trabalhos (NUNES, 1992; INDURSKY, 1992; VICENTE, 2001; BARROS, 2004; DIAS, 2004) que fizeram uso da Análise do discurso de matriz Francesa a partir de uma releitura muito particular que reetoma o método Pêcheux & Fuchs (1997).

O trunfo de Orlandi (2000) foi retomar o método de Pêcheux & Fuchs que ligava linguística, sociologia e a filosofia da linguagem e fazê-lo ficar mais claro através da criação de uma estrutura formada por fases norteadas e interrogações fundamentais expostas quadro a seguir:

Quadro 1: Releitura do método de Pêcheux & Fuchs (1975) por Orlandi (2000):

<p><b>“Primeiro tratamento de análise superficial”</b></p> <p>Momento em que se tem um contato primário com a superfície linguística do texto. É também neste momento em que é exposto o elemento do arquivo, ou seja, o corpus que será submetido à análise. Além disso, nesta fase, se mostra o “quem diz”.</p>
<p><b>“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:</b></p> <p>Para efetuar esta transformação é necessário realizar uma pergunta norteadora: “O que é dito neste discurso? A partir de tal estruturação, expõe-se o objeto discursivo a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia, polifonia) que incidem sobre ele.</p>
<p><b>“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:</b></p> <p>Momento em que a pergunta norteadora é: “Por que isso e não outro?” Na resposta, em cada análise, será atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior.</p>

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Estas etapas norteadoras serão aplicadas no momento de realizar a análise discursiva dos Anais da primeira década do GT1 do ENANCIB.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho busca permitir o olhar sobre a temática com lentes e abordagens diferentes, caracterizando-se assim como uma pesquisa bibliográfica, teórica e documental (MARCONI; LAKATOS, 2010). Parte-se da Análise do discurso de Matriz Francesa como metodologia.

Diante disto expõe-se que a pesquisa será dividida em quatro fases teórico-metodológicas que serão descritas a seguir:

Em um primeiro momento é realizado um levantamento bibliográfico sobre canais de comunicação científica concomitante com um levantamento bibliográfico acerca de institucionalização cognitiva e social.

Na primeira fase teórica-metodológica é realizada uma revisão de literatura sobre canais de comunicação científica a partir do clássico de Meadows (1999) para, então, verticalizar a discussão a partir da revisão de literatura sobre institucionalização científica, cognitiva e social com o sociólogo francês Whitley (1994), a fim de tornar viável entender como se dá a Institucionalização social da CI no Brasil e também a Institucionalização da primeira década dos estudos do GT1 do ENANCIB.

Na segunda fase teórico-metodológica, serão selecionados os trabalhos publicados nos anais do GT sobre estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação, em sua primeira década, do ENANCIB com o termo “epistem” no título, palavra-chave e resumo por se considerá-las como partes canônicas do texto. O termo epistem busca abarcar as possíveis variações que o termo possui como: epistemologia, epistemológicos.

Na terceira fase teórico-metodológica, serão realizadas as análises discursivas dos trabalhos selecionados no GT1 do enancib.

Na quarta fase teórico-metodológica, se esboçará as formações discursivas da institucionalização recente da Ciência da Informação por meio de quadros e figuras mostrando a interligação com a institucionalização cognitiva e social.

Focar nesta inter-relação é se ater a uma série de conceitos que, articulados, formam um panorama da dimensão discursiva. O conceito, já delineados neste projeto, que formarão o dispositivo de observação deste trabalho, é: Formação discursiva

Articular conceitos é o formar o que Mazière (2007) chama de “dispositivo de observação”.

O referido autor explica que o discurso, para o analista do discurso, se configura como produto, na medida em que há a materialidade do enunciado ou de um grupo de enunciados que formam a “corpora” que será submetida à análise. Mazière (2007, p.14), além disso, destaca o papel do analista do discurso dizendo

que “ele delimita, põe em correspondência, organiza fragmentos de enunciados, mais ou menos longos e mais ou menos homogêneos para submetê-los à análise”, ou seja, o foco não é realizar um simples recorte e colagem de textos, mas estruturar o que Mazière denomina de “dispositivo de observação”.

#### **4 PRIMEIRA FASE TEÓRICO-METODOLÓGICA: CANAIS DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E INSTITUCIONALIZAÇÃO COGITIVA E SOCIAL**

Neste momento é realizada uma contextualização conceitual acerca dos canais de comunicação científica. Esta retomada é importante pois a institucionalização da Ciência da Informação é formada a partir da relação de oposição entre *canais de comunicação formais* e *canais de comunicação informais*. Em relação a esta perspectiva, Mueller (2000, p.78) diz:

Para que uma ciência efetivamente se constitua e se institucionalize como uma disciplina, é necessário que além das bases filosóficas e conceituais, exista a confiabilidade do conhecimento produzido. É, portanto, uma das características mais importantes para a ciência e que a distingue do senso comum. Além do uso de métodos e técnicas para a geração e divulgação do conhecimento e resultados advindos das pesquisas empreendidas pelos cientistas, devem ser divulgados e julgados por seus pares estabelecendo assim o nível de confiabilidade esperado. Esse sistema de comunicação compreende canais formais e informais para a comunicação dos resultados obtidos e aquisição de informação acerca das pesquisas realizadas por outros pesquisadores.

Na citação acima, é dado o trajeto pelo qual uma Ciência deve percorrer para que possa se denominar enquanto disciplina, em um nível mais abstrato são percorridas as bases filosóficas e conceituais que fomentam discussões, refutações e reflexões.

Tais reflexões se tornam científicas na medida em que se utilizam de métodos e técnicas, ou seja, a abstração das discussões ganha um grau de confiabilidade e, portanto, materialidade, quando o cientista argumenta com base em metodologias e técnicas. Este grau de confiabilidade aumenta quando o trabalho passa por uma comissão julgadora que tem experiência na área estudada.

Todas as variáveis amarradas acima formam o sistema de comunicação científica. É importante pontuar, com base em Barité (2001), que toda organização do conhecimento é artificial e provisória.

Ele pontua que a estrutura de comunicação do conhecimento se realiza a partir da informação, que, ao se socializar, também se transforma em informação. Então, lida-se nesse momento com estágios de comunicação da informação que se dividem em formal e informal.

Meadows (1999) descreve o contexto em que surgem os periódicos científicos; na segunda metade do século XVII, os editores esperavam que estas publicações seriadas gerariam lucro, e havia também o pensamento de que debates coletivos seriam profícuos na geração de novos conhecimentos. O referido autor pontua como motivo principal para a criação dos periódicos científicos a necessidade de uma comunicação mais ágil e eficiente para satisfazer a demanda de pesquisadores focados em novas realizações.

Meadows (1999, p.7) realiza ainda uma distinção entre comunicação formal e informal, descreve a última enquanto efêmera e restrita a um limitado número de pessoas. Destaca o pioneirismo da comunicação formal, que está disponível por um período de tempo longo e público abrangente, e também destaca que “[...] os periódicos e os livros são publicados e em seguida armazenados por longos períodos em bibliotecas de modo que são arquétipos de comunicações formais”.

Arboit; Bufrem (2011) corrobora parcialmente com a perspectiva de Meadows (1999) ao afirmar que os meios de comunicação científica formais são os livros e periódicos, enquanto que os eventos científicos e seus anais são meios de comunicação científica informais. Porém, como este trabalho de Arboit; Bufrem é mais atualizado do que o livro clássico do Meadows, é destacado o lado positivo dos canais de comunicação informais.

Esta mudança de paradigma já havia sido prevista por Meadows, quando pontua que a pesquisa científica é uma atividade desordenada, sendo natural “que a pesquisa científica somente de modo parcial possa ser descrita por meio de modelos simples.” (MEADOWS, 1999, p.53).

Mostrando essa mudança de paradigma de forma clara, temos a reflexão de Arboit; Bufrem (2011):

Os eventos científicos são considerados meios mais informais e, com efeito, mais ágeis na transmissão e troca do conhecimento científico. Diferentemente dos meios convencionais de comunicação, tais como livros e periódicos, grande parte da informação é transferida oralmente, estimulando o debate instantâneo dos especialistas interessados no tema. No entanto, antes de se tornarem públicos os trabalhos submetidos ao evento passam por avaliação rigorosa do

comitê científico, comumente constituído por especialistas do campo. Esse processo de avaliação é similar ao dos artigos de periódicos, apesar da publicação em periódicos científicos ser, em geral, mais valorizada. Os eventos permitem também o contato informal entre os pesquisadores que atuam na mesma área do conhecimento. Assim, congregam pessoas com interesse comum, estimulam a troca e compartilhamento de conhecimento e a criação de novas parcerias ou grupos, uma vez que a troca de informações e conhecimento se dá de forma mais dinâmica do que os outros meios de comunicação científica, apesar do seu caráter menos formal. (ARBOIT, BUFREM, 2011, p. 217)

A citação acima estabelece um paralelo entre os canais de comunicação formais e os informais. Para tanto, relaciona a agilidade na transmissão de informações aos canais informais, citando os eventos que, em geral, permitem a troca de informações entre os especialistas das áreas que, geralmente, são publicados na forma de Anais e que passam por um crivo criterioso de avaliação semelhante ao dos periódicos científicos, embora mais rápidos no processo de confecção.

Sendo assim, é entendido que, atualmente, no contexto da Ciência da Informação, há um processo de equidade de importância entre os Anais de eventos e periódicos científicos no momento em que a Capes, por exemplo, atualizou no seu relatório trienal de 2013 a forma de pontuar as atividades dos pesquisadores.

Esta nova forma de avaliar utiliza uma metodologia que coloca em diálogo os artigos completos publicados em periódicos com os trabalhos publicados nos Anais dos eventos (CAPES, 2013).

A iniciativa da CAPES não deve ser vista de forma ingênua, mas sim como um passo preciso no sentido de institucionalizar suas decisões, Na medida em que Whitley (1974, p.71) caracteriza a institucionalização em um primeiro estágio como “a padronização de ações e significados”.

#### 4.1 A institucionalização científica no Brasil

Em um estudo (KOBASHI; SANTOS, 2006) que se mapeia a produção da Ciência em contexto nacional são discutidos os parâmetros em que se encontra a institucionalização científica no Brasil.

Os referidos autores expõem que não basta a detenção de indicadores e metodologias de produção adequados, mas sim que o Brasil construa uma infraestrutura efetiva de informação em Ciência e Tecnologia. É pontuado que as experiências internacionais que sejam inovadoras podem dar base para a institucionalização de estruturas de armazenamento e recuperação, promovendo assim estudos que abranjam a realidade Brasileira.

Adrentando especificamente na institucionalização científica da Ciência da Informação no Brasil, temos:

A precariedade das bases de dados sobre a produção científica brasileira ficou bastante evidenciada na pesquisa “Temas e linhas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil” (KOBASHI, 2004) desenvolvido em associação com o projeto Desenvolvimento de indicadores da produção científica da Ciência da Informação no Brasil (SANTOS, 2005a, b). É alarmante o grau de desorganização, dispersão e falta de padronização dos repositórios de produção científica nacionais. Esses fatos indicam que a realização de análises rigorosas, qualquer que seja a área de conhecimento considerada, encontra barreiras muitas vezes intransponíveis. (KOBASHI; SANTOS, 2006, p. 30)

Reflexo de que não basta ter indicadores e metodologias de produção adequados é pontuado na citação acima, no momento em que é destacada a precariedade das bases de dados que buscou caracterizar os temas e linhas de pesquisa em Ciência da Informação em contexto nacional.

É ressaltado o elevado nível de dispersão, desorganização e carência na padronização de repositórios de produção científica nacionais. Esta perspectiva negativa não ocorre apenas no contexto da Ciência da Informação, mas em todas as áreas do conhecimento.

Acredita-se de todo modo, que estes resultados refletem a falta de organização na institucionalização científica da área, pois segundo Parlemiti e Polity (2002, p. 95) a institucionalização “se coloca em termos de processos e se inscreve no eixo diacrônico”.

Dizer que a institucionalização científica da área se dá em eixo diacrônico delimita o seu desenrolar através de processos históricos, como por exemplo é possível dizer que a padronização dos repositórios de produção científica da Ciência da Informação se efetivará de forma organizada no momento em que houver um estudo que revele a sua história aliada ao contexto.

Ou seja, é impossível retomar a história dos repositórios sem relacionar com o contexto de criação, disputas de poder e ideologias predominantes no momento. Sendo assim, não é só o eixo diacrônico que está presente nesta perspectiva mas também o eixo sincrônico.

Pensando na perspectiva do eixo sincrônico que leva em consideração o contexto de criação retoma-se Bufrem; Gárcia (2014) que explicam que as editoras universitárias possuem um papel fundamental na institucionalização científica sendo elementos que influenciam diretamente nos parâmetros da institucionalização científica no Brasil, na medida em que se destaca o compromisso institucional da universidade sendo o lugar onde se produz e divulga o conhecimento.

Embora as editoras tenham competência para editar todo e qualquer tipo de publicação, o livro tem sido o mais comum dos meios utilizados. Entretanto, verifica-se no atual contexto cultural uma forte tendência à valorização dos periódicos científicos como objeto privilegiado de destinação de recursos. Essa valorização ocorre principalmente por dois motivos. O primeiro é uma consequência do processo de avaliação dos programas de pós-graduação, fortemente influenciado pela política dos órgãos de fomento, que supervaloriza o periódico em detrimento do livro (BUFREM; GÁRCIA, 2014, p.156)

Discute-se então, a questão da valorização dos periódicos científicos como reflexo do processo de avaliação dos programas de pós-graduação que são influenciados por decisões políticas e estratégicas na esfera dos órgãos de fomento priorizando a publicação de artigos em detrimento de livros.

Porém nesse trabalho é deixada de lado uma questão extremamente contemporânea e que possui chancela institucional do relatório trienal (2011-2012-2013) da Capes que passa a considerar os periódicos científicos na mesma medida em que considera os anais de evento.

Pode-se perceber então que o livro deixa de ser o canal de comunicação mais valorizado. As esferas de poder científico no âmbito editorial passam a priorizar a rapidez da troca de informações entre os pares da comunidade científica representada então pelos periódicos, e em conformidade com a hipótese dessa pesquisa, também os anais de evento.

É possível pensar então em um ambiente em que cada canal de comunicação científica possui a sua peculiaridade que é necessária para que a institucionalização científica ocorra.

Neste sentido, Maltrás-Barba (2003, p.60) argumenta que as publicações permitem o controle institucionalizado do conhecimento, pois elas acontecem somente após a superação de críticas, aceitação e confirmação da comunidade científica. (ARBOIT; BUFREM; GONZÁLEZ, 2011, p. 77)

Este controle institucionalizado do conhecimento é necessário em um contexto de pesquisas que buscam cada vez mais ultrapassar fronteiras.

Segundo Whitley (1974), a institucionalização destes canais possui perspectiva cognitiva e social, sendo dois parâmetros sob os quais o referido autor reflete e traz importantes considerações.

A questão da institucionalização é reflexo deste sistema de comunicação científica formal e informal, que consiste em produções puramente ideológicas e simbólicas.

É enquanto instrumento estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumento de imposição ou de legitimação da dominação [...] (BOURDIEU, 1989, p. 10)

Tais produções ideológicas e simbólicas podem ser ditas como produto da institucionalização social que, de acordo com Whitley (1974, p.72), diz respeito à criação e à manutenção de estruturas formais, como por exemplo a criação das agências de fomento, fazendo parte da segunda dimensão desta institucionalização que diz respeito à “integração dentro de estruturas sociais ficando em foco a legitimidade de recursos”.

Já a institucionalização cognitiva é a que antecede a social. Conforme explica Martins (2014), ela “busca identificar se há dentro da área analisada semelhanças cognitivas e consenso quanto às investigações de seus fenômenos, sem a necessidade de dispor de definições idênticas.

#### 4.2 ENANCIB e a ANCIB

O ENANCIB é uma esfera de enunciações caracterizado como canal de comunicação formal consolidada a partir da institucionalização social da área que acredita-se ter começado pela iniciativa do IBBD enquanto órgão responsável não apenas por criar o primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação (1970) no país mas por oferecer elementos fundamentais para a consolidação da área baseando-se nas políticas de estado.

Em relação a tais políticas, Menezes; Silva; Couzinet (2007) explicam que o surgimento do IBBD está fortemente atrelado ao fato da Unesco ter sugerido a fundação Getúlio Vargas que promovesse no Brasil a criação de um centro nacional de bibliografia tendo como foco o intercâmbio de documentações técnico científica valorizando a perspectiva tecnológica.

A criação deste primeiro curso não foi uma iniciativa isolada, mas sim reflexo de uma conjuntura histórica e propriamente discursiva com um forte respaldo institucional. Houve, no mesmo ano de criação deste primeiro curso, o nascimento de periódicos de extrema importância para a área até hoje; Ciência da Informação e Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG (*Perspectivas em Ciência da Informação*).

Os poucos iniciantes programas de pós-graduação em Ciência da Informação, por indução de agência de fomento governamental, começaram a realizar encontros, desde o início de 1980, para discutir problemas comuns e procurar soluções para seu funcionamento e para uma fundamentação da área de conhecimento que nascia. Havia interesse dessas agências em encaixar a informação em suas políticas nacionais de C&T a fim de seguir o padrão de valorização da informação adotado no exterior. (BARRETO, 2009, p.3)

Segundo Barreto (2009), em 23 de julho de 1989 nasce a ANCIB a partir de seu estatuto fundador, fazendo parte de um plano chamado de Ação Programada em ICT (Informação científica e tecnológica). Um programa nacional de Informação preparado pelo governo em parceria com a comunidade em C&T que não deu certo por conta da falta de diálogo entre o que a ação programada exigia e o paradigma de estocagem e preservação dos documentos vigente até então.

Ainda segunda o referido autor, três anos após a criação da ANCIB, em maio 1992, o órgão estruturou um projeto de pesquisa conjunta da área e mandou ao CNPq, buscando aprovação e fomento da agência governamental. Em Julho do mesmo ano o projeto foi aprovado. Este projeto se subdividia em cinco subprojetos:

estudo da produção científica, literatura cinzenta na CI, mercado de trabalho na área, balcão de informações no mercado emergente de CI e por fim o profissional e o mercado no âmbito do distrito federal.

Cada projeto era capitaneado por um pesquisador. A iniciativa de enorme valor agregativo não representava, contudo, um real anseio de reflexão do campo, nem demonstrava, no conjunto, uma coerência lógica de um entrosamento conceitual com os princípios da nova ciência. Muito pouco se sabe sobre os resultados dessa relevante empreitada em termos de criar um movimento conjunto de pesquisa na área. Esta informação está no Informe em Ciência da Informação, publicado pela ANCIB, em 1993. (BARRETO, 2009, p. 3)

Através da citação acima é possível entender que os esforços do órgão não resultaram no segundo nível de institucionalização social pois não estava havendo integração dentro das estruturas sociais destes projetos, sendo um motivo para que os mesmos não dessem certo.

Em outubro de 1993, a ANCIB divulgou um novo modelo de evento denominado Encontro nacional de pesquisa em Ciência da Informação (ENPeCI) deixando de lado a denominação biblioteconomia nesse novo formato de reuniões, porém durou pouco, pois segundo Barreto (2009, p. 3) “a descendência falou mais forte e o segundo encontro já foi realizado com o nome de Encontro Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia” o hoje denominado ENANCIB.

Através das argumentações expostas acima, acredita-se que a ANCIB, conjuntamente com outros órgãos já citadas acima, forneceu as bases da institucionalização social para que o ENANCIB se torna-se capaz de realizar a institucionalização cognitiva da área em contexto nacional.

Sendo o foco desta pesquisa os anais do GT1 do ENANCIB (Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação) é importante situar alguns elementos históricos que caracterizam o mesmo.

Apesar da epistemologia ser norteadora para toda e qualquer área do conhecimento, no ENANCIB ela só passou a ter reconhecimento no IV encontro, ocorrido em Brasília no ano 2000, intitulado, “Epistemologia da Ciência da Informação”, abrigado então no GT8 do evento e contou com treze apresentações. Apenas em 2005, passou a ser o carro chefe dos grupos de estudo, denominado então “Estudos históricos e Epistemológicos em Ciência da Informação.

Possui como ementa:

Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Constituição do campo científico e questões epistemológicas e históricas da Ciência da informação e seu objeto de estudo - a informação. Reflexões e discussões sobre a disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, assim como a construção do conhecimento na área. (ANCIB, 2016).

Os anos que serão analisados neste trabalho, constitui a primeira década do ENANCIB, neste período o GT foi coordenado por Isis Paim, Maria Nélide González de Gomes e a Lena Vânia Ribeiro Pinheiro.

## **5 SEGUNDA FASE TEÓRICO-METODOLÓGICA: SELEÇÃO DOS TRABALHOS E CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS**

Neste momento são selecionados os trabalhos publicados nos anais do GT sobre estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB em sua primeira década.

Foi realizado em um primeiro momento a recuperação dos anais do ENANCIB que estavam armazenados em CD e foram cedidos para consulta pelo grupo de pesquisa FAPOI, em seguida foi realizada a leitura de cada um dos trabalhos com o termo epistemologia no título e/ou nas palavras chave e/ou no resumo por se considerar estas as partes do texto com maior concentração informacional.

A partir desta leitura foram selecionados os 19 trabalhos para a análise que delineam, especificamente, as teorias tratadas dentro dos Estudos Históricos e Epistemológicos.

Como já dito, o foco deste trabalho é analisar as teorias propostas nos 19 trabalhos selecionados do Gt Estudos Históricos e Epistemológicos do Enancib em sua primeira década, sendo assim, acredita-se ser importante ser delimitada algumas balizas que nortearão a análise discursiva. Uma dessas balizas é a forma como será tratado o conceito de “teoria”.

Para tanto, torna-se fundamental retomar as discussões de Thomas Kuhn (1997) , no livro, a estrutura das revoluções científicas.

No capítulo “a rota para a ciência normal” ele realiza uma breve comparação entre teoria e fatos científicos. Entende-se que uma teoria é o resultado de reflexões e/ou experimentos de cunho tanto qualitativo quanto quantitativo que

passam por um minucioso processo de verificação da validade daquele conhecimento, ou seja, um sistema organizado de conhecimento validado pelos pares da comunidade científica em voga é que se entende por teoria neste trabalho.

Já o fato científico seria uma descoberta inesperada que também enriquece qualitativamente e ou quantitativamente o universo do fazer científico.

No contexto da Ciência da Informação Brasileira é possível afirmar que suas teorias ainda passam por um processo de amadurecimento (LIMA, 2015) reflexo do fato da mesma ter se fixado no Brasil em meados de 1970. Há uma série de singularidades que permeiam esse processo.

Como exemplo, a direta e íntima ligação com a área de Biblioteconomia e Documentação, que trouxe uma mão de via dupla: desconfiança pela instauração da nova Ciência em que muitos acreditavam estar se apropriando das “técnicas” biblioteconômicas, que num primeiro momento foi vista com maus olhos.

Do outro lado, a insistência por parte da Unesco em criar no Brasil um centro de documentação voltado para a Ciência e tecnologia. O atual “Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e tecnologia” que buscou mostrar que a Ciência da Informação não se comportava como rival da biblioteconomia e documentação mas sim como uma área que buscava refletir e fixar teorias acerca das importantes práticas biblioteconômicas.

VEGA-ALMEIDA, R.; FERNÁNDEZ-MOLINA, J.C; LINARES, R. (2009, p. 2) pontuam sobre a relação entre Biblioteconomia/Documentação e Ciência da Informação através de três posições:

Su independencia como disciplina en relación con la Biblioteconomia, con la que sostiene flertes vínculos interdisciplinarios (SARACEVIC, 1999); su dependencia, al ser considerada un continuum, expansión y metamorfoses de la Documentación (Harmon, 1971) y de la Biblioteconomia; Y su superioridade con respecto a la Biblioteconomia, que es aceptada como una actividad investigadora o de desarrollo dentro de la Ciencia de la Información (INGWERSEN, 1992b).

Entende-se que a discussão acima tangencia a perspectiva deste trabalho, pois são definições teóricas que entram em conflito acerca da epistemologia da área.

Retoma-se então que o foco é analisar discursivamente os trabalhos selecionados do GT 1 do ENANCIB buscando caracterizar as formações discursivas e das teorias dos trabalhos.

Os trabalhos que serão analisados discursivamente na quarta fase teórica deste trabalho estão listados a seguir, no seguinte quadro que relaciona o título do trabalho com o autor e ano em que foi apresentado no evento.

Apesar do Gt destinado a epistemologia ter sido criado no ano de 2000 sob o título “Epistemologia da Ciência da Informação” os artigos não estavam classificados pela identificação dos Grupos de Trabalhos Gt, aos quais tinham sido apresentados, bem como os pesquisadores não tiveram acesso à listagem de trabalhos submetidos por Gts. Apenas nos Anais do ENANCIB de 2003 que foi possível que os pesquisadores tivessem acesso à totalidade de trabalhos completos apresentados em um Gt destinado a epistemologia.

Com essas ponderações segue o quadro dos trabalhos da primeira década do GT1 do Enancib que serão analisados.

Quadro 2: Trabalhos do GT1 do ENANCIB que serão analisados discursivamente

Título	Autor	Ano
Epistemologia da Ciência da Informação revisitada	Jaime Robredo	2003
Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa trans-disciplinar.	Maria Nélide González de Gómez	2003
Transdisciplinaridade na Ciência da Informação.	Lucinéia Maria Bicalho; Mônica Erichsen Nassif Borges	2003
Faces da pesquisa e da interdisciplinaridade em Ciência da Informação no Brasil	Renato José da Silva	2005
Evolução e tendências da Ciência da Informação, no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro	2005

A Ciência da Informação e a crítica ao modelo científico: uma revisão histórica	Giulia Crippa; Marco Antônio Almeida	2005
Por uma Ciência Formativa e Indiciária: proposta epistemológica para a Ciência da Informação	Eliany Alvarenga de Araújo	2005
Movimentos interdisciplinares e rede conceitual na Ciência da Informação.	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro	2006
A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto a organização do conhecimento: elementos para uma reflexão.	Rodrigo Rabello; José Augusto Chaves Guimarães	2006
Paradigmas e modelos em Ciência da Informação.	Leonardo Vasconcelos Renault; Ana Maria Rezende Cabral	2007
Diversidades na visão dos docentes da Ciência da Informação sobre sua área	Carlos Alberto Ávila Araújo	2007
Novas configurações do conhecimento e validade da Informação.	Maria Nélida González de Gómez	2007
Epistemologia genética e Ciência da Informação: consonâncias estruturantes	Luiz Henrique G. Castiglione	2007
Ciência da Informação e Gestão do Conhecimento: a convergência a partir da Sociedade da Informação.	Lilian Alvares; Fábio Ferreira Batista	2007
Imago e vivência: uma reflexão filosófica sobre o existencialismo e o pragmatismo da Ciência da Informação.	Gustavo Silva Saldanha	2008
Geração do Conhecimento teórico em Ciência da Informação no Brasil, questões e paradigmas na abordagem da elite	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro	2008
Entre a retórica e a filosofia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação.	Gustavo Silva Saldanha	2009
O documento na Ciência da Informação: tradição e inovação conceitual a partir de uma abordagem histórica e	Rodrigo Rabello	2009

epistemológica		
Situando a Epistemologia Social no contexto da Ciência da Informação	Nanci Elizabeth Oddone	2010

**Fonte:** Elaborada pela autora.

## 6 TERCEIRA FASE TEÓRICO METODOLÓGICA

Neste capítulo situam-se as análises discursivas dos dezenove trabalhos recuperados apresentando-as em 19 quadros que retoma a estrutura adaptada de Pêcheux&Fuchs (1997) por Orlandi (2000):

### 6.1 Epistemologia da Ciência da Informação revisitada. Jaime Robredo - 2003

#### “Primeiro tratamento de análise superficial”

“[...]parece conveniente destacar o movimento, cuja amplitude ultrapassa todos os limites imagináveis duas décadas atrás e que vem mobilizando os cientistas que lidam com informação em todos os campos possíveis, na procura de uma **teoria unificada da informação**”

“De nosso ponto de vista, é aceitável a expressão “Ciência da Informação” como uma forma condensada de representar um campo de estudo, pesquisa e aplicação relacionado com a informação, cuja amplitude de muito ultrapassa os limites geralmente aceitos quando se fala de ‘Library and Information Science’. Examinamos a seguir alguns elementos que nos parecem esclarecedores sobre os rumos **do que seria “nossa ciência da Informação” [...]**”

A relação entre biblioteconomia e Ciência da Informação é um dos problemas intelectuais mais complexos que a educação em Ciência da Informação e biblioteca enfrenta”

Neste momento é importante dar atenção para quem esta sendo responsável por tais enunciações, ou seja, o “quem diz?”

Neste caso o trabalho foi escrito pelo professor Jaime Robredo; Doutor em Ciências. Pesquisador associado Senior do Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID) da Universidade de Brasília (UnB) e consultor da SSRR Informações, consultoria, e projetos.

No momento em que se torna fundamental caracterizar o sujeito responsável por materializar a enunciação é importante situar a partir de Ducrot (1987) as diferenças entre Sujeito empírico, Locutor e Enunciador.

Jaime Robredo é o sujeito empírico do artigo sob o ponto de vista de ele é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É o locutor do trabalho na medida em que esta situado enquanto pesquisador do departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID) da Universidade de Brasília e também consultor da empresa SSRR Informação, consultoria e projetos. Ou seja, a perspectiva institucional e ideológica passa a ser fixada nesta esfera. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

O fio condutor desta argumentação é a “Teoria unificada da Informação”. Quando Jaime Robredo nos apresenta esta procura por tal teoria, ele esta exercendo o papel de locutor, pois é entendido seu papel enquanto pesquisador, porém ao longo do artigo ele se transforma em enunciador pois deixa claro que uma teoria unificada da Informação se torna inviável, ou seja, ele se filia a uma formação discursiva, ao se filiar a uma formação discursiva o objeto discurso é exposto através da oposição Ciência da Informação e “Library and Information Science”. Adentrando no objeto discursivo ele busca realizar uma diferenciação entre Ciência da Informação e “Library and Information Science” mostrando a complexidade e confusão com que os pesquisadores muitas vezes se depararam com as denominações.

Há o fenômeno da polifonia incidindo neste discurso pois é assumida no transcorrer dos paráfrases a multiplicidade de teorias que a Ciência da Informação pode se ancorar, caindo por terra a ideia de uma “Teoria Unificada da Informação”.

.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque é dito isso neste discurso? Ou seja, porque Jaime Robredo enquanto enunciador exclui a possibilidade de uma Teoria Unificada da Informação mostrando exemplos da confusão existente entre Ciência da Informação e “Library



and Information Science”?

Talvez a resposta caminhe para o fato do enunciador estar ancorado em uma formação discursiva que busca enxergar a epistemologia da área diante dos paradigmas da pós modernidade, ou seja, o seu processo discursivo é a amplitude das teorias pós modernas.

*6.2 Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa transdisciplinar.* Maria Nélida González de Gómez - 2003

### **“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“Uma das abordagens que mais detidamente desenvolvem o conceito de redes em torno das atividades científicas seria a Latour e a teoria do “ator rede”

“A palavra rede indica que os recursos estão concentrados em poucos locais-nas laçadas e nos nós interligados-fios e malhas. Essas conexões transformam os recursos esparsos numa teia que parece se estender por todas as partes”

[...] nesse projeto procuramos outras fontes para os estudos de redes; entre elas Wellman (1998). Para esse autor o conceito de rede implica eliminar a ideia de “limite” ou “fronteira”, a qual estaria presente nos conceitos de “grupo” e de “comunidade”.

“Se o projeto transdisciplinar requer uma construção em rede, deverão levar-se em conta condicionantes próprios do vínculo social, como sua imersão em relações assimétricas de poder”

Neste momento é importante dar atenção também para quem esta sendo responsável por tais enunciações, ou seja, o “quem diz?”

Neste caso o trabalho foi escrito pela Doutora em Comunicação e pesquisadora titular do IBICT Maria Nélida González de Gómez.

Maria Nélida González de Gómez é o sujeito empírico do artigo sob o ponto de vista de ele é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É a locutora do trabalho na medida em que esta situado enquanto pesquisadora Titular do IBICT sendo doutora em Comunicação. Ou seja, a perspectiva ideológica passa a ser fixada nesta esfera. O enunciador

nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Neste trabalho a argumentação caminha para a importância das pesquisas na área se basearem na perspectiva transdisciplinar. Buscando fortalecer esta abordagem de estudo a autora fundamenta primeiramente na teoria do “ator rede”, e a explica exemplificando que em uma rede os recursos estão concentrados em nós, que em conexão formam uma teia. Porém uma rede possui limites e para tanto a autora busca outra fundamentação para fortalecer o “projeto transdisciplinar”, e a encontra em Wellman (1998), que configura o objeto discursivo desta argumentação, na medida em que para este outro autor a rede não tem fronteiras mas, sim faz parte de um grupo; comunidade que interfere diretamente e na configuração desta rede que se reorganiza de forma constante, sendo reflexo da perspectiva transdisciplinar, trazendo por fim a questão das “relações assimétricas de poder”, sendo assim possível retomar o discurso de Michel Foucault sobre estas relações. Para o mesmo o poder se exerce permanentemente, se irradia de baixo pra cima sustentando assim as instâncias de autoridade, incentivando e assim fazendo produzir. É possível afirmar então que o fenômeno da paráfrase incide no estudo no momento em que são citadas as teorias.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Trazendo este discurso para o contexto do estudo é possível dizer que a pesquisa transdisciplinar, ao invés da inter ou multi, é incentivada neste trabalho que tem como processo discursivo o papel das agências de fomento, periódicos científicos em relação com os grupos de pesquisa das Universidades que, por exemplo, aceitam que um artigo seja submetido para um periódico se no estudo houver a presença de ao menos um Doutor, ou seja, em um Programa de Pós Graduação que incentiva a produção científica de sua comunidade as relações

assimétricas de poder se efetuam na medida em que nos grupos de pesquisa há pesquisadores no nível de graduação e mestrado que são diretamente, e querendo ou não, predispostos a produzir com pesquisadores Doutores, ou seja, a relação de baixo para cima é atestada.

6.3 *Transdisciplinaridade na Ciência da Informação*. Lucinéia Maria Bicalho; Mônica Erichsen Nassif Borges - 2003

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“Wersig e Windel (1993), citados por Pinheiro (1997, p. 160), propõem que a C.I. interteça conceitos de forma evolucionária, sinóptica e transdisciplinar para que consiga navegar conceitualmente “dentro de **uma teoria sob a forma de pós-moderna**, numa rede centrada no conhecimento, sob a ótica do problema do uso do conhecimento em condições pós-modernas de informatização”.

“[...] que a área se mova no fluxo da ciência estabelecendo **conexões com a teoria do caos e beneficiando-se “com a exploração da complexidade”**, que é um dos pilares da transdisciplinaridade. Wersig (1993), citado por Pinheiro e Loureiro (1995, p.44), diz que a C.I “não possuirá uma teoria mas uma estrutura proveniente de um amplo conceito científico ou modelos e conceitos reformulados”.

É importante neste momento dar atenção para quem esta sendo responsável por tais enunciações, ou seja, o “quem diz?”

Neste caso o trabalho foi escrito pela mestre em Ciência da Informação e Assistente Acadêmica de Estudos avançados Transdisciplinares da UFMG, Lucineia Maria Bicalho e também pela Doutora em Ciência da Informação e professora adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG, Mônica Erichsen Nassif Borges.

Lucineia Maria Bicalho e Mônica Erichsen Nassif Borges são o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de elas são indivíduos inseridas em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. São locutoras do trabalho a partir da filiação institucional de ambas. Ou seja, a perspectiva ideológica passa a ser fixada nesta esfera. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Neste trabalho o foco é mostrar como a discussão sobre transdisciplinaridade é importante para que os estudos epistemológicos na Ciência da Informação se utilizem e beneficiem da mesma.

Neste discurso a argumentação caminha para mostrar que o intercâmbio entre conceitos dentre as áreas com que a Ciência da Informação dialoga tem de ser feita de maneira transdisciplinar. Sob a égide da pós modernidade que é uma das bases do pensamento transdisciplinar, as autoras delineam o objeto discursivo deste discurso ao mostrar que partir do momento em que a área se foca em uma perspectiva pós moderna ela adentra na discussão dos sistemas complexos e dentro destes sistemas a teoria do caos é apresentada, ou seja, dentro de sistemas informacionais sob a orientação dos sistemas complexos uma pequena mudança na estruturação de uma situação informacional pode levar a efeitos imprevisíveis.

Sendo coerente com o pensamento pós-moderno, é apresentado então que a Ciência da Informação não possui uma teoria mas sim uma estrutura que reflete a relação com este sistema complexo em que as peças se ajustam e adaptam de acordo com as imprevisibilidades.

O objeto discursivo então é a discussão sob transdisciplinaridade, para isso utiliza-se do fenômeno da paráfrase no momento em que são realizadas citações indiretas.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Por que as enunciatórias optaram por trazer a questão da transdisciplinaridade pautando-se em teorias da física (teoria do caos, por exemplo) e não de teorias das Ciências humanas ou naturais?

A questão da epistemologia da área fica muitas vezes vaga, acredita-se que as enunciatórias optaram por utilizar das teorias da física para trazer uma exemplificação mais objetiva para o estudo.

O Fato das enunciatórias possuírem vínculo científico com a UFMG mostra um interesse em legitimar a questão transdisciplinar na área mostrando assim um possível pioneirismo da UFMG que possui nota 6 atribuído pela CAPES, ou seja, pesquisas como esta, divulgadas trazem reconhecimento para a Instituição que almeja alcançar a nota máxima, 7.

*6.4 Faces da pesquisa e da interdisciplinaridade em Ciência da Informação no Brasil.* Renato José da Silva- 2005

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“Se ontem o domínio dos Estados-Nações era territorial para se obter o acesso e a exploração das matérias primas e mão de obra barata, hoje é da informação, cujo domínio abre um novo campo para estratégias industriais, comerciais, políticas e militares. Nesse sentido, o risco do interdisciplinar, de acordo com Jiapiassu (1976, p.216), está em converter-se **na ideologia da tecnoestrutura**, composta em três dimensões, a saber: **“burocracia industrial, tecnocracia ou gestão profissional e o saber técnico necessário ao processo de inovação”**

**“As teorias construídas, visando à socialização do conhecimento na sociedade brasileira, devem levar em conta a heterogeneidade dos espaços sociais, as diferenças socioeconômicas e culturais que dificultam a socialização do conhecimento.** Os modelos de representação desenvolvidos não devem circunscrever-se ao mero formalismo técnico, desconsiderando as

particularidades dos diferenciados ambientes de nossa nação”

“Urge, portanto, o **abandono da lógica positivista**, sendo os primeiros passos nessa direção a demarcação do objeto da C.I, assim como a constituição de um **projeto que seja ao mesmo tempo interdisciplinar e transdisciplinar**. Inter pela necessidade de se estabelecer formas de cooperação com outros campos, e trans pela necessidade de transcender os limites estabelecidos por uma única disciplina, pois isso nos permitirá abranger as múltiplas perspectivas necessárias para a compreensão do real”.

Neste momento é importante dar atenção também para quem esta sendo responsável por tais enunciações, ou seja, o “quem diz?”

Neste caso o trabalho foi escrito por Renato José da Silva, Mestre em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela PUC de Campinas e Professor do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Mato Grosso.

Renato José da Silva se configura como o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de que ele é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É locutor do trabalho a partir da filiação institucional primeiramente com a PUC de Campinas onde se formou, e depois com a Universidade Federal de Mato Grosso, onde é professo. Entende-se que a perspectiva institucional e ideológica passa a ser delineada nesta esfera. O enunciador é a posição tomada ao longo do trabalho.

#### **“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Neste discurso há uma forte crítica ao uso da Interdisciplinaridade para a construção de um campo científico sólido na Ciência da Informação. Para o enunciador o conceito deve ser tratado com muita cautela pois a informação hoje é base para os Estados-nações que buscam ter o domínio da mesma em sua perspectiva industrial, comercial, política e militar. Para dar legitimidade para o seu discurso ele se âncora em um clássico da sociologia de Jiapissu (1976) e coloca em pauta a teoria da “ideologia da tecnoestrutura” que seria então o fazer científico ser engolido por um formalismo técnico em que a burocracia industrial, a tecnocracia e o saber técnico se articulam e fazem com que aparentemente a

premissa da interdisciplinaridade se efetue; a troca de conhecimentos entre duas ou mais disciplinas, mas na verdade só estaria então fazer a engrenagem do positivismo possuir mais força na atual sociedade.

Além disso, alerta que teorias que de fato visam a socialização do conhecimento devem se pautar nas diversidade de realidades existentes no Brasil.

Por fim, o objeto discurso se delinea quando o enunciador expõe que deve se abandonar a teoria da lógica positivista, calcando-se assim em um paradigma pós-moderno, que faça com que a Ciência da Informação alie a perspectiva interdisciplinar com a transdisciplinar.

Há, então o fenômeno da paráfrase incidindo neste objeto discursivo na medida em que há citação indireta a teoria da lógica positivista.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Por que o enunciador realiza fortes críticas à interdisciplinaridade durante toda sua argumentação e não a transdisciplinaridade, por exemplo?

Acredita-se que a resposta para essa questão caminhe no sentido de que o enunciador, por ser professor do curso de biblioteconomia na Universidade Federal de Mato Grosso, deve vivenciar muitas experiências que pretendem ser científicas de trabalhos que usam o termo interdisciplinaridade de maneira descontextualizada com o objeto da Ciência da Informação.

Além disso, o enunciador propõe na conclusão do trabalho a cooperação entre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade se mostrando aliado a uma perspectiva pós moderna.

### **“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“No exterior, já estava sendo delineada uma nova era, a Sociedade da Informação, originada da Globalização e das novas tecnologias, notadamente a Internet. [...] A década de 90 marca o início do Programa Sociedade da Informação, coordenado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, instituído em 1999 por decreto presidencial, como parte do Plano Plurianual do Governo Federal, período 2000-2003.”

Neste momento é importante dar atenção também para quem esta sendo responsável por tais enunciações, ou seja, o “quem diz?”

Neste caso o trabalho foi escrito por Lena Vania Ribeiro Pinheiro que é Doutora em Comunicação e Cultura pela URFJ/ECO e também é membro do IBICT.

Ela se configura como o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de que ela é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É locutora do trabalho a partir da filiação institucional com a URFJ e com o IBICT, mostrando ao longo do seu discurso o caráter ideológico do IBICT. A perspectiva ideológica passa a ser delineada nesta esfera. O enunciador é a posição tomada ao longo do trabalho.

### **“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Neste discurso é ressaltada uma corrente ideológica decorrente da teoria pós- industrial que é a “Sociedade da Informação”, mostra o seu início no exterior e como ela foi implantada no Brasil. A Globalização e as novas tecnologias são colocadas pela enunciativa como origem da Sociedade da Informação, sem fazer referência a teoria pós-industrial que a embassa.

No contexto Brasileiro é a Sociedade da Informação se tornou um programa do governo, ressaltando assim a potencialidade estratégica da Informação.

Pode-se entender que o objeto discursivo desta enunciação é a ocultação da teoria pós industrial como base da Sociedade da Informação através de uma

estratégia argumentativa de se utilizar de outros elementos que corroboraram para que o surgimento da Sociedade da Informação, deste modo é possível afirmar que a polifonia se apresenta neste objeto discursivo por conta da presença de outros textos, neste caso, a ocultação da Teoria pós industrial neste discurso.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque a Teoria pós industrial não é citada pela enunciadora ao falar dos fatores que contribuíram para a criação da Sociedade da Informação?

Talvez pelo fato da enunciadora ser vinculada diretamente ao IBICT, o interesse ideológico é mostrar a importância das novas tecnologias de informação que o órgão tanto incentiva a implementação e divulgação de seus benefícios, ou seja, o foco não é auxiliar apenas bibliotecários mas sim o amplo gama de profissões que decorrem das novas tecnologias da Informação.

*6.6 A Ciência da Informação e a crítica ao modelo científico: uma revisão histórica.*

Giulia Crippa; Marco Antônio Almeida - 2005

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“Em termos de arranjo dos materiais documentários, não fundamentado na ciência ocidental e em seus postulados, um bom exemplo é, por sua vez, a biblioteca de Aby Warburg, criada na mesma época e no mesmo contexto cultural da Alemanha. Não se trata aqui, de discutir a classificação da mesma, pois se trata de uma biblioteca especializada para a pesquisa no campo da História Cultural. Por exigências de espaço, limitamos aqui o foco sobre os pressupostos que atrelam as faculdades do conhecimento da mente nas reflexões do criador da biblioteca que materializam a **teoria de Benjamin** na realização de uma instituição científica.” “Os fundamentos de aprendizagem residem, para Warbug, em quatro faculdades: a imagem (Bild), a Palavra (Wort), a Orientação (Orientierung) e a Ação

(Drômenon). Para Warburg, a visão é o primeiro ato de apreensão, a primeira etapa da consciência humana, que graças à inteligência, instaura a linguagem verbal, o conjunto de palavras capazes de nomear.”

É importante neste momento dar atenção para quem esta sendo responsável por tais enunciações, ou seja, o “quem diz?”

Neste caso o trabalho foi escrito pela Professora Doutora em História Social pela USP, docente no curso de Ciências da Informação e Documentação da USP de Ribeirão Preto; Giulia Crippa. E também pelo professor Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP, docente no curso de Ciências da Informação e Documentação da USP; Marcos Antônio de Almeida. Giulia Crippa e Marcos Antônio de Almeida são o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de elas são indivíduos inseridas em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. São locutores do trabalho a partir da filiação institucional dupla de ambos onde a perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Neste discurso é ressaltada uma posição filosófica em relação a como os arranjos informacionais se estruturam defendendo a ideia de que discutindo sob a vertente histórica e filosófica os aspectos aplicados da área os avanços sobre a discussão epistemológica sobre a mesma será mais efetiva.

A posição filosófica tomada é materializada na teoria de Benjamin como sendo base para a realização de uma instituição científica. Exemplifica a teoria através de biblioteca Alemã que se baseia na mesma. Nesta teoria, a visão é dada como o primeiro ato de conscientização humana com o objeto, o segundo ato é a linguagem verbal advinda da inteligência humana que tem a capacidade de organizar conjunto de palavras e ter o poder de nomear.

O objeto discursivo desta enunciação se mostra através da paráfrase feita na citação indireta da teoria de Benjamin, ou seja, o objeto discursivo neste caso nada mais é do que arranjos matérias documentários, teoricamente, podendo ser organizados de maneiras diferentes do que é realizada usualmente. Extrapolar os limites da ciência ocidental para melhorar a lógica que orienta a organização do conhecimento.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Por que é apresentado um arranjo dos materiais documentários não fundamentado na Ciência Ocidental?

Essa enunciação como um todo é veiculada por uma Historiadora social e também por um Doutor em Ciências Sociais, portanto, condiz com suas filiações teóricas e institucional, buscar trazer para a área um olhar calcado na filosofia e pautado na história das idéias, a teoria do conhecimento que não esteja impregnado pelo olhar ocidental.

Busca-se trazer uma alternativa teórica para se repensar a forma de organização temática dos documentos pois acredita-se que a classificação possui um poder ideológico muito grande para não se discutir outras formas de organizar o conhecimento, sendo essa então a base para fortalecer a Epistemologia da Ciência da Informação.

Momento em que a pergunta norteadora é: “Por que isso e não outro?” Na resposta, em cada análise, será atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior.

*6.7 Por uma Ciência Formativa e Indiciária: proposta epistemológica para a Ciência da Informação.* Eliany Alvarenga de Araújo – 2005.

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“[...] Podemos dizer que a Ciência da Informação representa uma tentativa de renovação da pesquisa e reflexão sobre o fenômeno informacional, que tem nas suas práticas informacionais seu objeto de estudo. É uma Ciência com critérios de cientificidade interpretativos, no sentido em que a objetividade e a subjetividade do objeto de estudo são elementos centrais nas análises e não devem ser ignoradas ou arrancadas cirurgicamente do fenômeno em estudo. Aqui cabe, de forma perfeita, o **paradigma indiciário**, como uma ferramenta preciosa que nos remete

à cultura humana e nos faz retornar mais completos para a tarefa de interpretar e responder as questões colocadas pelo objeto/ questões de estudo, que em sua essência é totalmente humano. [...] Finalmente, envolvendo todas as ações das Ciências da Informação temos uma **epistemologia formativa**, que reflete sua condição de origem, de formação e estruturação [...] A construção formativa sugerida por Bachelard, nos aproxima do nosso real potencial de conhecimento [...]"

É importante neste momento dar atenção para quem esta sendo responsável por tais enunciações, ou seja, o “quem diz?”

Neste caso, o trabalho foi escrito por Eliany Alvarenga de Araújo, Doutora em Ciência da Informação e professora do departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal da Paraíba.

Tal professora é o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de ela é indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É locutora do trabalho a partir da filiação institucional dupla, onde a perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

#### **“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação é realizada uma reflexão epistemológica sobre a Ciência da Informação e se propõem duas teorias que podem enriquecer as bases teóricas e metodológicas da epistemologia da área: a teoria apresentada como “conceito de ciência formativa” de Bachelard, 1996 e a teoria do “paradigma indiciário” de Ginzburg, 1991.

A teoria apresentada como conceito de Ciência Formativa trabalha com estados em relação com o conceito de Bruyne (1991) de objeto real, objeto percebido e objeto construído. Acredita-se que o enunciador se utilizou desta ligação pois o a teoria da Ciência Formativa ficaria muito abstrata senão direcionada ao objeto da área, chegando-se a conclusão que o objeto de estudo da Ciência da Informação são práticas informacionais com natureza informacional. Sob esta perspectiva o enunciador defende a teoria da Ciência formativa como a traz a área para o seu real potencial de conhecimento, ou seja, através do entendimento aprofundado do objeto enquanto práticas informacionais e a teoria do paradigma indiciário como

uma ferramenta que não faz os estudiosos da área deixarem de lado a cultura humana, na medida em que esta teoria traz que o pesquisador deve considerar que dados que a primeira vista podem se mostrar irrelevantes podem na verdade descrever uma realidade complexa que não seria cientificamente experimentável. Pode-se dizer que o objeto discursivo desta enunciação é construído através das paráfrases feitas pelo enunciador as teorias de Bachelard e Ginzburg, pode-se verificar a polissemia, multiplicidade de sentidos, também incidindo na construção do objeto quando para tornar mais clara o conceito de Ciência Formativa, traz os conceitos de objeto de Bruyne (1991) para fazer um paralelo direcionado a Ciência da Informação.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque são apresentadas as teorias da Ciência Formativa e do paradigma indiciário ao invés de outras?

Por serem teorias pós-modernas, acredita-se que seja uma crítica ao positivismo adotado pela Ciência da Informação em suas bases epistemológicas, ou seja, o interesse é trazer a discussão acerca das bases epistemológicas da área sob o viés das teorias pós modernas. Esse viés é puramente ideológico pois é uma tentativa de mostrar a maturidade da Ciência da Informação em sua vertente epistemológico, dando força para que a Epistemologia da área pare de se pautar sempre nas mesmas teorias.

*6.8 Movimentos interdisciplinares e rede conceitual na Ciência da Informação*

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“A Ciência da Informação, da teoria às aplicações está permeada por conceitos, noções e ideias interdisciplinares”

“Quais as vias epistemológicas de efetivação de fronteiras? Para Klein (1996, p. 46-47) as fronteiras são, em geral, determinadas mais pelos métodos, teorias e estrutura conceitual do que pelo assunto”, embora teorias e leis sejam mais lineares e nem todas as disciplinas sejam claramente identificadas com leis ou tenham uma teoria unificada”

“Para a Ciência da Informação também são fundamentais os modelos básicos de conceitos científicos amplos, a reformulação científica de inter-conceitos e interceder mo modelos e conceitos. O trabalho de interceder conceitos ou a interconceitualização deve ser um exercício evolucionário, sinóptico e transdisciplinar, proporcionando à Ciência da Informação **“desenvolver algum tipo de navegação conceitual que poderia, por sua vez, se desenvolver dentro de uma teoria sob a forma pós-moderna**, numa rede centrada no conhecimento sob a ótica do problema do uso do conhecimento em condições pós modernas de informatização (WERSIG, 1993, p. 237-239).”

“Na Ciência da Informação, o conceito de sistema estpa presente em diferentes disciplinas, seja como sistema de Informação propriamente dito, seja o sistema de recuperação da informação. Uma das fontes teóricas para estudos de sistemas informação é a **“Teoria Geral dos sistemas- TGS”** de Bertallanfy (1968) que, juntamente com a cibernéticam surgidos na década de 50 do pós guerra, contribuíram para visão mais integradora das ciências, numa nova abordagem”.

Nesta enunciação, o trabalho foi escrito por Lena Vania Ribeiro Pinheiro que é Doutora em Comunicação e Cultura pela URFJ/ECO e também é membro do IBICT.

Ela se configura como o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de que ela é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É locutora do trabalho a partir da filiação institucional com a URFJ e com o IBICT, mostrando ao longo do seu discurso o caráter ideológico do IBICT. A perspectiva ideológica passa a ser delineada nesta esfera. O enunciador é a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Neste discurso é exposto um estudo epistemológico sobre a interdisciplinaridade, é destacado que a epistemologia de todas as áreas precisa de delimitação de fronteiras. Uma das bases fundamentais para a delimitação dessas fronteiras da epistemologia de uma área é a epistemologia, o enunciador recorre a Klein para explicar que nem todas as disciplinas tem uma teoria unificada, fica entendido entrelinhas que a Ciência da Informação é uma dessas disciplinas que não tem teoria unificada. É argumentado que dentro de uma perspectiva pós-moderna podem ser encontradas as bases para que a Ciência da Informação possua teorias sólidas.

Por fim, o enunciador apresenta a Teoria Geral dos sistemas, na medida em que no paradigma da pós-modernidade da Ciência da Informação a noção de sistema é um elemento norteador. A Teoria Geral dos sistemas é explicada como a que tem por objetivo identificar as propriedades, os princípios, e leis que caracterizam os sistemas de forma geral, isso independente das possíveis relações de força entre estes sistemas.

É possível afirmar que o objeto discursivo desta argumentação se constrói através da gradação de ideias que são apresentadas, quando por exemplo, fica subentendido que a Ciência da Informação não possui uma teoria unificada, ao transcorrer da argumentação é mostrado que esse fator é positivo para a área pois permite que ela realize a interdisciplinaridade se beneficiando de Teorias de outras áreas do conhecimento como por exemplo a Teoria Geral dos sistemas, que encaminha a argumentação para o paradigma da pós modernidade.

Pode-se afirmar então que o objeto discursivo desta enunciação é a defesa da interdisciplinaridade por conta do jogo enunciativo que mostra que a área não precisa necessariamente de uma teoria unificada mas sim, solidificar suas bases em um paradigma pós moderno e até mesmo transdisciplinar que faça com que a área dialogue e interteça teorias. Neste processo é possível verificar o fenômeno linguístico da paráfrase durante toda a enunciação na medida em que há citações diretas e indiretas a pensamentos de outros autores para corroborar a enunciação do trabalho.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque nesta argumentação há a defesa da interdisciplinaridade em época que a área busca sedimentar a perspectiva transdisciplinar?

Acredita-se que o caminho para esta questão resida no entendimento que os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade não se contrapõem mas sim se complementam, tanto que no final da enunciação fica claro que a perspectiva interdisciplinar da área só ocorrerá de maneira efetiva no momento em que ela se calcar na perspectiva pós-moderna da transdisciplinaridade que leva em consideração sistemas divergentes conversando e cooperando para a área.

6.9 *A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto a organização do conhecimento: elementos para uma reflexão.* José Augusto Chaves Guimarães; Rodrigo Rabello – 2006.

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“Um dos elementos centrais para a apreensão de todo o processo de OC, é a definição de seu núcleo central de estudo – conhecimento (língua inglesa knowledge) -, pois, muitas vezes, a literatura científica da área não tem empenhado maiores esforços para conceitua-lo e contextualiza-lo, gerando dubiedades e imprecisões de entendimento. Um fator que contribui para esta indefinição conceitual decorre do fato de a CI ter, como núcleo epistemológico, parte integrante de sua própria denominação – Informação – (acerca também, também não se tem consenso conceitual) e a OC, nas mesmas condições, ter como núcleo de estudo o conhecimento.”

“Um aspecto a considerar reside naquilo que Dahlberg (1993, p.214) denomina como “conhecimento em ação”, ou seja, algo acerca do qual existe um certo consenso social em um conhecimento registrado e socializado cuja organização e representação será desenvolvida de modo que, a partir dele, possa ser gerado

novo conhecimento (GUIMARÃES, 2001).

Neste caso o trabalho foi escrito então Doutorando em Ciência da Informação pela FFC/UNESP; Rodrigo Rabello, e também pelo professor Doutor em Ciência da Informação e Livre Docente em Análise Documentaria, docente do departamento de Ciência da Informação da FFC/ Unesp/ Campus de Marília. Rodrigo Rabello e José Augusto Chaves Guimarães são o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de eles são indivíduos inseridas em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. São locutores do trabalho a partir da filiação institucional dupla de ambos onde a perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação é proposto pelos enunciadores um paralelo entre a Organização do Conhecimento e a Ciência da Informação. Mostra-se que tanto a Organização do conhecimento quanto a Ciência da Informação não tem consenso quanto a sua conceitualização gerando confusões para as duas áreas no âmbito de suas teorias.

É apresentando pelos enunciadores a teoria de Dahlberg (1993) do “conhecimento em ação” que é explicada como algum elemento em que exista consenso social, seja transformado em conhecimento registrado e socializado para que a organização e representação gere um novo conhecimento, retomando assim a teoria eliquedonal da informação de Guimarães, apesar da mesma não ser citada na enunciação.

É possível afirmar que o objeto discursivo desta enunciação está na teoria de Dallberg (1993) “conhecimento em ação” na medida em que, a proposta da enunciação é fazer um paralelo entre a organização do conhecimento e a Ciência da Informação esta teoria apresenta elementos que interessam tanto para a Organização do conhecimento quanto para a Ciência da Informação, pois o conhecimento registrado a que ela se refere cabe muito bem também como informação registrada. Sendo assim, é possível dizer que o fenômeno da paráfrase está incidindo nesta enunciação na medida em que há citação direta a teoria da Dahlberg para fundamentar a enunciação.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque os enunciadores propõem um paralelo entre a “Organização do Conhecimento” e a “Ciência da Informação?”

Acredita-se que os enunciadores propõem esse paralelo com interesse ideológico de mostrar dentro do grupo de estudos históricos e epistemológicos a importância do grupo de organização e representação do conhecimento, buscando assim fazer este último ser o núcleo duro da área, ou seja, seu carro chefe, ao invés então de começarmos a discutir as questões da área através da Epistemologia, começarmos através da organização e representação do conhecimento. Perspectiva esta que não é neutra e mostra interesses de política científica que pode interligar o ENANCIB com a ISKO.

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“O paradigma-teoria é difícil de ser apontado, pois estariam imbricados em três grandes teorias: **Classificação Facetada** (Ranganathan), **Teoria do Conceito** (Dahlberg) e a **Teoria da Terminologia** (Wuester), sendo que o conceito estruturante destas teorias é o estudo do termo. Contudo a abordagem adotada é onomasiológica, ao contrário da abordagem semasiológica, da área de lexicografia, que toma como ponto de partida a palavra, com seus vários significados, incorporando o referente representando pelo termo (CAMPOS, 2001, p.117). Dos autores citados, Ranganathan é de longe o mais influente para a área da Ciência da Informação. Sua teoria da classificação facetada possui inúmeras possibilidades de aplicação e interpretação[...].”

“Ficariamos então com a **Teoria da Epistemologia Social**, que tem como foco a produção, fluxo, integração e consumo do pensamento comunicado através do tecido social. Em recente trabalho, Zandonade (2003) mostra a importância e relevância dessa teoria, cuja influência têm sido reconhecida em outros campos do conhecimento como a sociologia e a filosofia. [...] Evidentemente a contribuição específica da epistemologia social seria o último tópico, onde Shera (1972) amplia o trabalho, as técnicas empregadas no processo de catalogação, organização e indexação da informação com sua repercussão social, com todo o processo de comunicação da informação enfim. Além disso, sua preocupação com as conexões da informação e do conhecimento com as formulações epistemológicas, pois tratava-se de entender as interações do homem com o conhecimento organizado e/ou disponível.”

Neste momento é importante dar atenção para quem está sendo responsável por veicular esta enunciação, ou seja, o quem diz?

Neste caso, o trabalho foi escrito por Leonardo Vasconcelos Renault e também por Ana Maria Rezende Cabral, ambos com filiação institucional ao programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da UFMG.

Ambos os autores são o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de eles são indivíduos inseridas em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. São locutores do trabalho a partir da filiação institucional de ambos onde a perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Neste discurso é discutido os fundamentos epistemológicos da CI por meio da identificação dos paradigmas da área. É explanado o paradigma-teoria baseado em três grandes teorias da área: **Classificação Facetada** (Ranganathan), **Teoria do Conceito** (Dahlberg) e a **Teoria da Terminologia** (Wueter). A primeira, diz respeito a estruturação do conhecimento por meio da organização dos seus conceitos, fazendo estes conceitos se relacionarem. O interesse é fazer com que haja analogia entre os diferentes campos do conhecimento e por fim facilitar a recuperação da informação. Já a Teoria do Conceito, busca estabelecer uma equivalência entre o termo e as características do conceito, para demarcar a utilização do termo em determinado discurso e as propriedades do conceito. Por fim a Teoria da Terminologia, é a reunião de uma série de premissas que explica a relação entre conceitos e termos especializados.

É apresentada por fim a teoria da epistemologia social que se interessa na produção, fluxo, integração e consumo do pensamento transmitido.

Acredita-se que todas as teorias apresentadas se encontram quando os enunciadores explicam que Sheram (1972) ampliou as técnicas de catalogação, indexação e organização da informação por meio dos pressupostos da Teoria da Epistemologia Social.

Sendo assim, o objeto discursivo desta enunciação são os processos de catalogação, indexação e organização da informação, com base nas discussões sobre conceitos e termos, ter como premissa norteadora a importância das práticas sociais na organização e disseminação do conhecimento. Ou seja, as técnicas e teorias voltadas para quem vai recuperá-las, tornando este processo o mais simples possível. Pode-se dizer que há presença da paráfrase por conta das citações indireta aos referenciais teóricos e também da polissemia pois é mostrada que a questão da organização da informação passa por mudanças em sua essência, organizar não para a custódia das organizações mas sim organizar para a recuperação dos usuários de determinada informação.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Por que nesta enunciação são apresentadas teorias clássicas da organização do conhecimento dialogando, por fim, diretamente com a Teoria da Epistemologia social, e não outra?

Acredita-se que a resposta para esta questão esteja no interesse dos enunciadorees em mostrarem que estão atualizados com as perspectivas trabalhadas e aceitas na área no momento, ou seja, o foco em quem vai recuperar a informação. Além disso há a perspectiva da pós-modernidade dando base para a teoria da epistemologia social, mostrando assim que o diálogo entre teorias e reformulação é viável para que os sistemas de recuperação da informação se beneficiem e propiciem um melhor acesso a informação institucionalizada e registrada.

*6.11 Diversidades na visão dos docentes da Ciência da Informação sobre sua área.*

Carlos Alberto Ávila Araújo - 2007

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“A argumentação mais recorrente é a de que a Ciência da Informação, possui, entre seus elementos constituintes, características do momento histórico da pós modernidade. Nesse caso, o termo de comparação utilizado pelos professores são as características culturais do momento histórico da pós modernidade, como, por exemplo, o fato de ser esse momento caracterizado como uma **“sociedade da informação”** ou **“sociedade do conhecimento.”**

Neste momento é importante dar atenção para quem está sendo responsável por veicular esta enunciação, ou seja, o quem diz?

Neste caso, o trabalho foi escrito por Carlos Alberto Ávila Araújo, que possui vínculo institucional com o Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da UFMG.

Carlos Alberto Ávila Araújo é o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de

vista de ele é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É o locutor do trabalho a partir da filiação institucional em que perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação, os docentes da área no Brasil, argumentam para a defesa de que a Ciência da Informação é pós moderna, utilizando-se de elementos do momento histórico para dar legitimidade para a afirmação, e também citam a teoria da Sociedade da Informação “ou” teoria da Sociedade do Conhecimento.

Acredita-se que o objeto discursivo desta enunciação seja demarcado pela conjunção “ou” que coloca a Teoria da Sociedade da Informação e a Teoria da Sociedade da Informação como sinônimas. Tal perspectiva é puramente ideológica na medida em que ignora o fato histórico de que apesar de ambas terem surgido a partir da Teoria Pós Industrial, a Teoria da Sociedade do Conhecimento se materializa como o carro chefe de ambas as teorias pois segundo Daniel Bell (1970) o conhecimento teórico se materializa enquanto fonte de valor e portanto crescimento para a sociedade do futuro, esta sociedade sendo definida pelas suas novas formas de acessar processar e realizar a disseminação da informação.

Já a Teoria da Sociedade da Informação se baseia na tradição progressista do pensamento ocidental que enfatiza que o acúmulo de informação é sinônimo de maior eficiência e liberdade. O advento da Internet marca a sociedade da Informação através do acesso democratizado, universal e global a todo essa informação acumulada nas redes.

Acredita-se que o fenômeno da polissemia incida neste objeto discursivo por conta desta enunciação considerar a teoria da Sociedade da Informação e a teoria da Sociedade do conhecimento como sinônimos, excluindo suas particularidades destacadas acima, advindas da Sociologia e ignoradas nesta enunciação.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque nesta enunciação a Teoria da Sociedade da Informação e Teoria da Sociedade do conhecimento são colocadas como sendo sinônimos?

Acredita-se que esta perspectiva é puramente ideológica, pois há uma tendência generalista na área, esta tendência situa as duas como sendo iguais, apagando assim o rastro da sociologia da enunciação, as confusões entre ambas são compreensíveis diante de um cenário político e ideológico que não se interessa em se aprofundar nas pequenas singularidades que as separam. O fato da Ciência da Informação ser considerada pelos docentes da área como pós moderna não condiz com o discurso veiculado por meio do discurido do enunciador do artigo em não realizar a diferenciação entre a Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento. Partindo do pressuposto que a ideia de pós modernidade reside na troca de experiências entre disciplinas, a sociologia neste caso foi ocultada.

### **“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“A **epistemologia do testemunho** é importante devido a que uma grande quantidade de informação que temos acerca do mundo vêm dos outros antes que de nossa observação” (FALLIS, 2004, p.4)

“O conceito de “condições sócio-transcendentais” de produção científica, de Bourdieu, seria equivalente a outros formulados na **epistemologia social** (FULLER, 1988) e nos estudos antropológicos da Ciência (COLLINS, 1998). Fuller (1998), afirma que existiria em toda prática científica uma “meta ciência” implícita no formato de argumentação da disciplina, que intervém como premissa tácita de autoridade de “culturas de evidência”, as quais constituiriam o tecido narrativo que levaria a promulgar e aceitar um resultado científico como válido. Collins estabelece assim equivalências entre as “culturas de evidência” e as “sanções coletivas”, estas primeiras aliás além de arbitragem, agiriam também como mediadoras/ entre o julgamento de validade individual do pesquisador os critérios de julgamento de seus pares e as “epistemologias institucionais” das agências de financiamento e avaliação. (GONZALEZ DE GÓMEZ, 2000). Quem produz o conhecimento lida assim com certo limiar mínimo de excelência de argumentos garantidos por boas razões, que podem ser mais exigentes ou menos rigorosos, mais simples ou mais complexos e abrangentes, dependendo não só da área do conhecimento, mas também do porte e finalidade do empreendimento de pesquisa.

O trabalho foi escrito pela Doutora em Comunicação e pesquisadora titular do IBICT Maria Nélide González de Gómez.

Maria Nélide González de Gómez é o sujeito empírico do artigo sob o ponto de vista de ele é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É a locutora do trabalho na medida em que esta situado enquanto pesquisadora Titular do IBICT sendo doutora em Comunicação. Ou seja, a perspectiva ideológica passa a ser fixada nesta esfera. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação a argumentação gira em torno de duas teorias: a da epistemologia do testemunho e a da epistemologia social. No âmbito institucional de produção científica, a enunciadora defende ambas as teorias como norteadoras, na medida em que durante a submissão de um artigo para uma revista científica, por exemplo, este passa por um processo de “sanções coletivas” e “culturas de evidência” que mediarão os critérios de julgamento pelos pares e pelas agências de fomento que estão envolvidas. A epistemologia do testemunho, segundo Silva (2014), é uma teoria da área do Direito que busca esclarecer qual o grau de confiabilidade da testemunha

Pode-se dizer que o objeto discursivo desta enunciação são as decisões dos pares para que determinado trabalho seja aceito em determinada revista, que conta com sanções coletivas e sanções de evidência. Segundo Odonne (2007) a epistemologia social se preocupa com toda a extensão do sistema social de produção, circulação e consumo da informação. O foco é entender o caráter coletivo de produção do saber. Sua noção foi proposta por pesquisadores e bibliotecários na década de 50, se fortalecendo como teoria através do paralelo com a sociologia e filosofia.

Nesta enunciação a união de ambas as teorias busca fortalecer o sistema de avaliação, tornar mais claro os critérios de julgamento dos pares, que de certa forma, são as primeiras testemunhas que o texto submetido a determinada revista encontra. Fica claro que a perspectiva de interesses institucionais falam alto no momento de determinada sanção, seja ela negativa ou não.

O objeto discursivo desta enunciação é a defesa de que a epistemologia social ancorada na teoria da epistemologia do testemunho pode auxiliar de forma consistente às questões epistemológicas da Ciência da Informação.

Há o fenômeno da paráfrase incidindo nesta enunciação pois são retomadas teorias de outras áreas do conhecimento por meio da citação direta a fim de dar legitimidade para todo o tecido discursivo.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Por que são apresentadas as teorias da epistemologia social e epistemologia do testemunho e não outras como alternativas para fortalecer a epistemologia da Ciência da Informação?

Acredita-se que estas teorias são apresentadas por conta do Caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, que dialoga com outras áreas do conhecimento para solidificar as bases de suas enunciações no âmbito da epistemologia da área.

É reconhecido e atestado pelos teóricos de maior renome na área a questão da interdisciplinaridade, sendo então impossível em uma esfera ideológica não retomá-la na medida em que o ENANCIB é um evento que legitima discussões que repercutem diretamente nas instituições que estão veiculadas a ela.

### 6.13 Epistemologia Genética e Ciência da Informação: Consonâncias estruturantes.

Luiz Henrique G. Castiglione - 2007

#### **“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“No que tange à sempre importante questão identitária do seu objeto de estudo, a Ciência da Informação, ao buscar a sua fundamentação gnossológica na epistemologia genética poderia estabelecer um quadro de referências mais fundamental, mais sólido, à percepção de seu objeto mais amplo, o fluxo de informação que conecta espaços cognitivos de produção e consumo de uma informação preche de conhecimentos. Desta perspectiva, a partir da assunção deste objeto nuclear de amplo espectro, poderia se tornar mais facilitada a percepção, a identificação e a melhor delimitação de seus objetos gravitantes, que seriam aqueles que dão conta das pesquisas em áreas como a de Informação e Contexto, Organização da Informação, Informação Tecnológica e Novas Tecnologias de Informação, dentre outras, como aquelas apontadas pelas análises de Aldo Barreto (2001) e pelo permanente estudo inter e transdisciplinar de Lena Vania Ribeiro Pinheiro.”

“Piaget considera que há dois postulados básicos na teoria dos sistemas cognitivos: no primeiro considera que todo o esquema de assimilação tende a alimentar-se, isto é, a incorporar elementos que lhe são exteriores e compatíveis com sua natureza” (PIAGET, 1976, p.14), no segundo considera que todo esquema de assimilação é obrigado a se acomodar, aos elementos que assimila, isto é, a se modificar em função de suas peculiaridades mas sem com isso perder sua continuidade , nem seus poderes anteriores de assimilação” (PIAGET, 1976, p. 14).

“A epistemologia Genética sinaliza uma enorme capacidade à estruturação do fenômeno mais abrangente da Ciência da Informação. Deixa a expectativa de que pode dar sentido gnossológico ao fenômeno informacional, [...] naquilo se chamou de objetos gravitantes, que seriam aqueles consubstanciados pelas áreas mais exteriores deste campo, pelas áreas mais afetadas às ações efetivas de informação.”

O trabalho foi escrito por Luis Henrique G. Castiglione, que possui vínculo institucional com o IBICT e também com o Programa de Pós Graduação da

Universidade Federal Fluminense.

Luis Henrique G. Castiglione é o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de ele é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É o locutor do trabalho a partir da filiação institucional dupla em que perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação é proposta a relação interdisciplinar da Ciência da Informação com a biologia através da Teoria dos sistemas cognitivos que faz parte da Epistemologia Genética. A enunciativa defende a Epistemologia Genética como base para a Epistemologia da Ciência da Informação pois segundo a mesma a primeira pode fazer com que fique mais simples o processo de percepção, identificação, e delimitação de objetos poderia se tornar mais facilitada a percepção, a identificação e a melhor delimitação de seus objetos gravitantes, que seriam aqueles que são as áreas da Ciência da Informação que a alimentam, em um processo de fora para dentro do campo.

Entende-se que o objeto discursivo desta argumentação é a defesa de que a Epistemologia da Ciência precisa olhar seu objeto de estudo, a informação, não de dentro para fora, mas sim a partir das diversas áreas de estudo da área (caracterizados pela enunciativa, com base em Piaget, como objetos gravitantes) que surgem a partir do impacto da informação, ou seja, de fora para dentro.

Há o fenômeno da paráfrase incidindo nesta enunciação na medida em que é feita citação direta a teoria de Piaget.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Por que a enunciativa defende o paralelo entre a Epistemologia da Ciência da Informação e a Epistemologia Genética e não com áreas das Ciências Sociais aplicadas, como é visto usualmente?

Acredita-se que a enunciativa se esforça em traçar um paralelo com uma

área que não esteja no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas por conta de uma perspectiva ideológica pós-moderna do IBICIT, em que o enunciadoe esta veiculado, que busca mostrar que a área pode dialogar de maneira profícua com outras áreas do conhecimento que não estejam no escolo das Ciências Sociais Aplicadas, mostrando assim novos pontos de vistas e interdisciplinaridade no âmbito informacional.

*6.14 Ciência da Informação e Gestão do Conhecimento: a convergência a partir da Sociedade da Informação.* Lilian Alvares; Fábio Ferreira Batista. 2007

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“O sociólogo Daniel Bell (1958) já havia antes tratado do tema com o livro intitulado *The coming Post Industrial Society* que caracterizava da sociedade pós industrial. A esse último é atribuído a expressão “Sociedade do Conhecimento”.

Junto com Alain Touraine (1973), eles falaram consistentemente de *Sociedade Pós-Industrial*, termo cunhado por ele.”

“Charles Handy (1976) revela-se atualmente um dos mais visionários da *Sociedade da Informação*, ensinando como se dará a organização social na era das redes, descrevendo novíssimos modelos como de federações e de alianças.

Para ele, as organizações do futuro terão as três “Is” – Informação, Inteligência, Idéias. Nessas organizações, serão grandes as exigências relacionadas à gestão de pessoas.”

“[...] As mudanças ocorridas na esteira da *Sociedade da Informação* modificaram de modo permamente a forma de tratar a *Ciência da Informação*. E que como toda *Ciência* ela deve seguir o curso da história, adaptando-se, evoluindo, incorporando novos conceitos a fim de manter e cumprir, conforme Saracevik e seu papel de responsabilidade social levando a informação a quem dela precisa”

O trabalho foi escrito por Lilian Alvares, membro do Programa de Pós Graduação da Universidade de Brasília e também por Fábio Ferreira Batista membro do Programa de Pós Graduação da Universidade de Brasília. Lilian Alvares e Fábio

Ferreira Batista são o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de eles são indivíduos inseridas em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. São locutores do trabalho a partir da filiação institucional de ambos onde a perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação é proposta uma convergência entre a Ciência da Informação e a Gestão do Conhecimento, por meio da teoria da Sociedade do Conhecimento e da Sociedade da Informação. É dado maior enfoque para esta última. A sociedade da Informação, se estruturaria em redes que gerariam alianças pautadas na Informação, Inteligência e Idéias.

Admite-se pelo enunciador que as mudanças teóricas na Sociedade de Informação mudam a forma de lidar com a informação, as mudanças teóricas não são explicitadas mas entende-se que estas mudanças se relacionam com a confusão teórica que há entre o limiar que separa a sociedade da Informação da Sociedade do Conhecimento e que isso faz com que a Sociedade da Informação busque sempre novas formas de se configurar para se tornar mais clara, fazendo ser possível o diálogo com a Ciência da Informação no que tange a forma de lidar com a gestão de pessoas nas unidades de Informação.

O objeto discursivo desta enunciação é a busca de sobreposição da Sociedade da Informação à Sociedade do Conhecimento, na medida em que a argumentação caminha para a legitimação da primeira como pertinente para realizar a convergência com a Ciência da Informação. Há o fenômeno da paráfrase incidindo na enunciação na medida em que são feitas citações indiretas a ideias de outros autores da área da Gestão do conhecimento, por exemplo.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Por que nesta enunciação é dado destaque para a Sociedade da Informação e não a Sociedade do Conhecimento, como muitas vezes é visto nas enunciações da área?

Pelo fato dos enunciadores buscarem fazer um paralelo direto entre a informação como insumo social para a gestão de pessoas e a Ciência da Informação como Ciência Social aplicada que só faz sentido pensar em suas teorias para que estas repercutam nas práticas informacionais que beneficiem o acesso democratizado a informação para as pessoas.

Perspectiva esta é puramente ideológica, pois neste ENANCIB de 2007, Lula estava em seu primeiro mandato enquanto presidente da República, dando continuidade ao “Programa Sociedade da Informação”, iniciado em 2000, no mandato de Fernando Henrique Cardoso por conta de pressões para a elaboração de políticas públicas que pensassem o uso da rede visando a não exclusão social.

*6.15 Imago e vivência: uma reflexão filosófica sobre o existencialismo e o pragmatismo da Ciência da Informação. Gustavo Silva Saldanha - 2008*

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“Para além da epistemologia, no entanto, o essencialismo e o pragmatismo aparecem no discurso político do ensino e da pesquisa dentro dos estudos informacionais. A partir da década de 1960, institutos de pesquisa, faculdades e escolas de Bibliografia, Documentação e Biblioteconomia começam a alterar seus nomes. Entre as justificativas para a modificação apresentada por tais instituições, estão: a causa essencialista, que pontua que o significado etimológico dos termos que oferecem a raiz grega “biblio” ou do latim “documentu” não é capaz de representar o espectro de atividades e abordagens comungadas pela comunidade acadêmica; a causa pragmática, que indica que a sociedade não reconhece os

termos acima mencionados, ou seja, não confere um status profissional e científico aos significantes bibliografia, documentação e biblioteconomia”

O trabalho foi escrito por Gustavo Silva Saldanha, que possui vínculo institucional com o IBICT e também com o Programa de Pós Graduação da UFMG.

Gustavo Silva Saldanha é o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de ele é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É o locutor do trabalho a partir da filiação institucional dupla em que perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

A enunciação ultrapassa a questão da epistemologia da área e se utiliza da teoria filosófica do essencialismo e do pragmatismo para mostrar como a doutrinação científica nos estudos informacionais a partir da década de 60 está calcada em ambas as teorias. O essencialismo, se preocupa com o significado que há nos termos, a mudança nos institutos de pesquisa, faculdades e escola de bibliografia a partir da década de 60 está ancorada nesta perspectiva, sob o entendimento de que o significado dos termos (biblio, documentu) não estava representando de forma adequada as práticas da comunidade acadêmica. Já o pragmatismo, se preocupa com os significados que os indivíduos atribuem aos termos, nesta enunciação mostrando que a sociedade não reconhece como profissão e ciência os termos “bibliografia, documentação e biblioteconomia”.

Pode-se dizer que o objeto discursivo desta enunciação é que apesar das diferenças entre a teoria do pragmatismo e do essencialismo, elas convergiram para um mesmo entendimento no âmbito da alteração no nome dos intitutos de pesquisa, faculdades e escolas de Bibliografia, Documentação e Biblioteconomia.

Pode-se dizer que há o fenômeno da polissemia incidindo neste objeto discursivo, na medida em que apesar de suas grandes diferenças enquanto teorias, o essencialismo e o pragmatismo nesse caso trabalharam como sinônimos na enunciação, buscando defender a troca de nome das instituições de ensino e pesquisa em Biblioteconomia.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque nesta enunciação busca-se mostrar uma convergência entre a teoria do pragmatismo e do essencialismo no âmbito informacional?

Acredita-se que a resposta caminhe para o sentido de que o enunciador possui especialização em filosofia medieval e se interessa especialmente em suas pesquisas pelas questões epistemológicas e historiográficas da Ciência da Informação, Biblioteconomia, bibliografia e documentação.

Ou seja, ele possui legitimidade institucional dada pelo sua especialização em filosofia medieval em fazer um paralelo convergente entre a o pragmatismo e o essencialismo para fortalecer seus estudos no âmbito informacional.

*6.16 Geração do Conhecimento teórico em Ciência da Informação no Brasil, questões e paradigmas na abordagem da elite.* Lena Vânia Ribeiro Pinheiro – 2008.

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“O primeiro paradigma físico, está relacionado ao início da Ciência da Informação como “Teoria da recuperação da Informação” marcada pela **teoria da informação** ou teoria matemática de comunicação de Shannon e Weaver (1949 – 1972) e a cibernética de Wiener (1961). Capurro (2003, p.6) chama a atenção de que, para Shannon, “mensagem” corresponde à informação e seria esta (mensagem) que diminuiria a incerteza, e não a informação. Além disso, ressalta o que muitos dessa área vêm chamando a atenção: a exclusão nessa teoria, de aspectos semânticos e pragmáticos inerentes aos estudos de informação na área, embora em pesquisas posteriores, Shannon e Weaver tenham passado a considerar esses aspectos, quando abordam o “processo interpretativo do sujeito cognoscente”, portanto, seu papel ativo.

No segundo paradigma, o cognitivo, Capurro (2003, p. 6), vai buscar nas obras de Otlet e La Fontaine a distinção entre conhecimento e seu registro em documentos, o que estaria relacionado à documentação e, posteriormente, à Ciência da Informação. Essa concepção, em termos filosóficos, vincula-se à ontologia e à

**Epistemologia de Popper**, e influenciou diretamente o paradigma cognitivo proposto por Borkes (1977, 1980) e outros teóricos.

O terceiro e último paradigma de Capurro é o social, abordado na sua origem como uma crítica ao paradigma cognitivo, que deixava em segundo plano, segundo Frohmann (apud, Capurro, 2003, p.7), “os condicionamentos e materiais do existir humano” “e seria idealista e associal”

O trabalho foi escrito por Lena Vania Ribeiro Pinheiro que é Doutora em Comunicação e Cultura pela URFJ/ECO e também é membro do IBICT.

Ela se configura como o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de que ela é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É locutora do trabalho a partir da filiação institucional com a URFJ e com o IBICT, mostrando ao longo do seu discurso o caráter ideológico do IBICT. A perspectiva ideológica passa a ser delineada nesta esfera. O enunciador é a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação são descritos os paradigmas de Capurro e a sua importância para a Epistemologia da área, além disso as teorias que embassaram a criação destes paradigmas. É dado enfoque no paradigma físico para a “Teoria da Informação” que sendo a enunciativa dá base para a teoria de recuperação da Informação. A teoria da Informação, de Shanon e Weaver (1949) explica que o processo de comunicação acontece através de um sistema fonte que influencia outro sistema receptor, sendo realizada a transmissão de signos através de um canal. O canal torna possível que a informação seja transferida, possuindo impacto direto na teoria de recuperação da informação que dá enfoque para a materialidade dos sistemas de recuperação da informação que tratam da materialidade da informação representada nos documentos, o armazenamento e gestão dos mesmos. Neste caso então o canal são as linguagens documentárias como os sistemas de classificação, tesouros e ontologias, por exemplo.

O enunciador ao abordar o segundo paradigma, o cognitivo, coloca como base a epistemologia de Popper que em sua obra “a lógica da pesquisa científica” explica o fato de que o erro é um componente inevitável a qualquer teoria científica.

Já ao abordar o paradigma social o enunciador explica que Frohmann é totalmente contrário ao paradigma cognitivo pois o considera associal.

É possível dizer que o objeto discursivo desta enunciação é o entendimento de que os três paradigmas são fundamentais para embasar a criação de linguagens documentárias mais eficazes que tragam o menor ruído possível no processo de recuperação da informação.

Pode-se dizer que há o fenômeno da paráfrase incidindo neste objeto discurso na medida em que há citações indiretas e diretas a filósofos para dar legitimezade interdisciplinar a argumentação.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Por que são apresentados os três paradigmas de Capurro e algumas teorias que a embasam ao invés de outros teóricos?

Acredita-se que esta perspectiva seja ideológica, pois a enunciativa, possui consonância teórica com as ideias de Capurro fazendo relação, sempre que possível, em seus estudos epistemológicos com os paradigmas do referido autor. O interesse é fortalecer a argumentação da importância destes três paradigmas para o universo teórico da Epistemologia da Ciência da Informação, na medida em que, estes paradigmas também são tratados nos estudos de Organização e representação do conhecimento no que tange, por exemplo, a contextualização teórica das linguagens documentárias. Há então neste contexto, uma leve disputa de poder em relação ao maior uso dos paradigmas de Capurro.

### **“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“Diante da multiplicidade de teorias e métodos, de influências discursivas, e plataformas de pesquisa da área informacional, entendemos como fundamental abordar as comunidades científicas como formas de vida, e a produção e o entrelaçamento dos discursos, possibilitados pelos diversos mecanismos de diálogo da comunicação científica, como jogos de linguagem que constituem a gramática que rege os pesquisadores de um determinado corpo científico, em um determinado contexto histórico, e trocam semelhanças de família que permitem a identificação de comunidades de vivência. (WITTGENSTEIN, 1979).”

Compreendendo a produção científica como uma construção social, acreditamos que as dissertações, teses e artigos e sua dinâmica de inter-citações são conjuntos de jogos de linguagem que constituem micro-formas de vida, trocando familiares. Assim, para reconhecer a gramática de uma forma de vida – aqui focada em uma espécie de **“humanismo informacional”** na Epistemologia contemporânea da CI, podemos, nestes veículos, explorar os indícios do olhar humanista, tendo a conceituação das disciplinas Retórica e Filologia como elementos de aproximação comparativa”

O trabalho foi escrito por Gustavo Silva Saldanha, que possui vínculo institucional com o IBICT e também com o Programa de Pós Graduação da UFMG.

Gustavo Silva Saldanha é o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de ele é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É o locutor do trabalho a partir da filiação institucional dupla em que perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação fica subentendido que o humanismo informacional é a teoria proposta pelo enunciador no cenário da comunidade científica da área. A epistemologia da área, visa uma comunicação científica que coloque discursos de ordem diversas para dialogar, dando enfoque para os aspectos gramaticais que caracterizam as comunidades científicas. Com base na retórica e na filosofia a teoria do humanismo informacional dá destaque para a capacidade de de criação e transformação da realidade informacional, como por exemplo, na primeira lei de Ranganathan de que “Livros são para todos” é possível destacar o aspecto político e ideológico do humanismo informacional que visa a universalização do acesso à informação colocando o usuário como potencial agente deste processo.

É possível dizer que o objeto discursivo desta enunciação é a teoria do “humanismo informacional que não é descrita como teoria pois acredita-se que o enunciador ao buscar validação pelos pares deixa de lado o termo “teoria” a fim de tornar sua argumentação mais branda.

Há o fenômeno da paráfrase incidindo nesta enunciação na medida em que há uma citação direta para dar legitimidade para a argumentação proposta.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque o enunciador se utilizou da teoria do humanismo informacional e não outra corrente?

Por conta da perspectiva ideológico que o enunciador segue: uma tradição de pesquisa que interliga filosofia, linguagem e organização dos saberes.

### **“Primeiro tratamento de análise superficial”**

Entendemos que a ideia do programa de Rendón Rojas (2005,2008) pressupõe a releitura da teoria de Lakatos para pensar a CI como algo dinâmico, em construção, ou seja, nas palavras de Freire-Maia (1977), uma “ciência processo”, uma vez que toda ciência é fruto de uma atividade social dinâmica expressa, em termos kuhnianos, por uma comunidade científica. No referido programa, os cientistas encontrariam o espaço amplo para que pudessem atuar criticamente sobre uma estrutura mais rígida, particular e também inacabada da ciência, isto é, aquilo que Freire-Maia (1997) chamou de “ciência disciplina”. O aspecto aparentemente contraditório no programa de Rendon Rojas residiria na pressuposição da existência do núcleo firme (ou duro) – o sistema informativo documental – que, a primeira vista, atuaria delimitando a estrutura de tal forma que dificultaria visualizar alguma “maleabilidade” e/ou possibilitar a co-existência de outro programa concorrente.

Neste caso o trabalho foi escrito então Doutorando em Ciência da Informação pela FFC/UNESP; Rodrigo Rabello. Rodrigo Rabello é o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de eles são indivíduos inseridas em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É O locutor do trabalho a partir da filiação institucional onde a perspectiva ideológica passa a ser fixada. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

### **“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

A enunciação veiculada acima trata de forma geral dos aspectos Históricos e Filosóficos das Ciências. Lakatos (1989) tem sua teoria de “programa de pesquisa” retomada na enunciação, tal teoria é baseada na heurística que é um conjunto de regras que levam a descoberta, invenção e resolução do problema de pesquisa.

Esse “programa de pesquisa” se respalda também em duas bifurcações da heurística. A denominada Heurística positiva é a que busca transformar possíveis anomalias em algo corroborado pela teoria vigente. E a heurística negativa que exige que durante o desenvolvimento do programa, o núcleo precisa permanecer intacto. O núcleo duro é então isolado por um cinturão protetor que não permite que fenômenos diversos adentrem no núcleo.



O paralelo com a Ciência da Informação, nesta enunciação é dada através da releitura que Rendon Rojas (2005, 2008) fez da teoria de “Programa de pesquisa” de Lakatos, buscando trazer para a epistemologia da Ciência da Informação a rigidez da epistemologia do matemático. Neste espaço, os cientistas teriam um amplo espaço para atuar de forma crítica, o que traria benefícios. Porém o enunciador pondera que a teoria de “Programa de pesquisa” é difícil de ser pensada em termos informacionais na medida em que sua base reside no apoio sob um núcleo firme, que então seria o sistema informativo documental que ao estar engessado tornaria inviável a visualização de outros elementos que interfeririam em tal sistema.

Acredita-se que o objeto discursivo desta enunciação é a refutação da teoria de “Programa de pesquisa” de Lakatos, adaptada por Rendon Rojas para fins informacionais. Há o fenômeno da paráfrase incidindo na enunciação na medida em que o enunciador se utiliza de citações indiretas para construir sua teia argumentativa que caminha para o entendimento de que a teoria de programa de pesquisa ainda precisa de ajustes para dialogar com a epistemologia da Ciência da Informação.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque é apresentada a releitura de uma teoria matemática para a Epistemologia da CI, e sua refutação, e não uma teoria que fosse corroborada pelos enunciadores?

Pois o enunciador busca evidenciar que o documento no contexto da Ciência da Informação, foi tratado de forma imprecisa. O paralelo com a teoria do matemático Lakatos é então rejeitada mostrando então uma tendência ideológica em tratar da questão documental/ informacional por meio do diálogo com a história e diplomática. O enunciador traz estas questões retomando parte dos resultados de sua tese de Doutorado realizado na Unesp, orientado por José Augusto Chaves Guimarães e financiado pela Fapesp. É interessante notar que a questão da diplomática tratada nos resultados da pesquisa do enunciador sofre influência ideológica direta da tradição de pesquisa de Guimarães que possui uma linha de pesquisa destinada para discutir a diplomática no contexto da CI.

6.19 *Situando a epistemologia social no contexto da Ciência da Informação.*

Nanci Elizabeth Oddone - 2010

**“Primeiro tratamento de análise superficial”**

“A nova interpretação do conhecimento da Ciência recebeu uma série de nomes, de enquadramentos teóricos, mas que em momento algum difere da estrutura teórica regida por Egan e Shera e expressada terminologicamente como Epistemologia Social. Contudo, todas estas formas de epistemologia social expressadas, inicialmente por Margaret Egan e Jesse Shera e que foram aprimoradas e vistas sob diversas práxis epistêmicas, concedem a força de poder entender e explicar construtivamente os fenômenos no seio da Ciência da Informação.”

“Como descrita por Nanci Oddone (2007, p. 112), a “Epistemologia Social” transforma-se, atualiza-se, passando a constituir um corpo de conhecimentos sobre a dinâmica social de atividade intelectual dos coletivos humanos. Essa teoria pode ser entendida como uma filosofia de práxis. O termo práxis era comumente utilizado, na Grécia Antiga, para designar a ação que se realizava no âmbito das relações entre as pessoas, a ação intersubjetiva. (KONDER, 1992, p.97). A ação intersubjetiva é essencial para a constituição dos fundamentos da Epistemologia Social e da compreensão do trabalho intelectual na comunicação científica.”

Neste caso o trabalho foi escrito por Nanci Elizabeth Oddone ambos vinculada com a Universidade Federal da Bahia.

Se configura como o sujeito empírico do trabalho sob o ponto de vista de ela é um indivíduo inserido em determinado espaço e tempo, possuindo uma existência real. É locutora do trabalho a partir da filiação institucional. Ou seja, a perspectiva ideológica passa a ser fixada nesta esfera. O enunciador nada mais é do que a posição tomada ao longo do trabalho.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Nesta enunciação é contextualizada a teoria da epistemologia social, oriunda da filosofia e reinterpretada por bibliotecários como Margaret Egan e Jesse Shera para o contexto das práticas informacionais. Pela forma como enunciador veicula sua enunciação entende-se que a epistemologia social não se trata de uma teoria unificada mas sim com uma multiplicidade de abordagens que trazem riqueza para o seu arcabouço teórico-conceitual. Por se tratar do ambiente social informacional há a demanda de constante transformação para coincidir as práticas da dinâmica social com as práticas da comunicação científica.

O objeto discursivo desta enunciação é a validação das releituras e mudanças dentro de uma teoria a fim de que esta possua maior poder explicativo e abrangência, neste caso é a teoria da epistemologia social sob diversos pontos de vista a fim explicar de forma clara os fenômenos que ocorrem na Ciência da Informação. Há o fenômeno da paráfrase incidindo nesta enunciação na medida em que há citações diretas e indiretas.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Porque nesta enunciação o objeto discursivo é a validação das releituras e mudanças dentro de uma teoria e não a perspectiva de uma teoria unificada?

Pois, dentro de um contexto puramente ideológico, a Ciência da Informação busca trazer consistência teórica para seus pressupostos básicos; a questão da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que incidem sobre a área. Ou seja, tanto a interdisciplinaridade quanto a transdisciplinaridade mostram a flexibilidade da área ao se adaptar e se beneficiar de teorias de outras áreas do conhecimento, então é necessário nesse contexto “flexível” fazer a área dialogar com teorias que permitem releituras e mudanças, combinando com a noção de pós-modernidade em que a área busca se situar.

## 7 QUARTA FASE TEÓRICO METODOLÓGICA: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste momento realiza-se a discussão dos resultados das análises, para tanto serão delineados quadros explicados da dimensão dos trabalhos analisados com as suas respectivas teorias<sup>7</sup>, as teorias agrupadas por similaridade teórica e por fim agrupadas em formações discursivas que serão explicadas.

Quadro 3: Trabalhos analisados e suas teorias marjoritarias

<b>TRABALHOS ANALISADOS</b>	<b>TEORIAS</b>
Epistemologia da Ciência da Informação revisitada – Jaime Robredo. 2003	Teoria unificada da informação
Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa transdisciplinar. – Maria Nélide González de Gomez. 2003.	Teoria do ator rede
Transdisciplinaridade na Ciência da Informação. - Lucinéia Maria Bicalho; Mônica Erichsen Nassif Borges. 2003.	Teoria do caos
Faces da pesquisa e da interdisciplinaridade em Ciência da Informação no Brasil - Renato José Silva. 2005	Teoria da ideologia da tecnoestrutura
Evolução e tendências da Ciência da Informação, no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas – Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. 2005	Teoria pós- industrial da Sociedade da Informação
A Ciência da Informação e a crítica ao modelo científico: uma revisão histórica	Teoria de Benjamin

<sup>7</sup> As teorias expostas neste quadro estão inseridas ao longo das análises discursivas, muitas não carregam o termo teoria em sua apresentação no “primeiro tratamento de análise superficial”, sendo assim com base em Thomas Kuhn (1997) realizou-se o processo de inferência para denominar enquanto “teoria” os sistemas organizados de conhecimento.

- Giulia Crippa; Marco Antônio Almeida. 2005	
Por uma Ciência Formativa e Indiciária: proposta epistemológica para a Ciência da Informação – Eliany Alvarenga Araújo - 2005	A teoria apresentada como conceito de Ciência Formativa
Movimentos interdisciplinares e rede conceitual na Ciência da Informação. Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. 2006.	Teoria Geral dos sistemas
A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto a organização do conhecimento: elementos para uma reflexão. José Augusto Chaves Guimarães; Rodrigo Rabello. 2006.	Teoria do conhecimento em ação
Paradigmas e modelos em Ciência da Informação. - Leonardo Vasconcelos Renault; Ana Maria Rezende Cabral. 2007.	Teoria da Epistemologia Social
Diversidades na visão dos docentes da Ciência da Informação sobre sua área -Carlos Alberto Ávila Araújo. 2007.	Teoria da Sociedade da Informação/Teoria da sociedade do conhecimento
Novas configurações do conhecimento e validade da Informação - Maria Nélida González de Gómez. 2007	Teoria do testemunho/ teoria da epistemologia social
Epistemologia genética e Ciência da Informação: consonâncias estruturantes - Luiz Henrique G. Castiglione. 2007	Teoria dos sistemas cognitivos

<p>Ciência da Informação e Gestão do Conhecimento: a convergência a partir da Sociedade da Informação.- Lilian Alvares; Fábio Ferreira Batista. 2007</p>	<p>Teoria da Sociedade da Informação/Teoria da sociedade do conhecimento</p>
<p>Imago e vivência: uma reflexão filosófica sobre o existencialismo e o pragmatismo da Ciência da Informação - Gustavo Silva Saldanha. 2008</p>	<p>Teoria do essencialismo/Teoria do pragmatismo</p>
<p>Geração do Conhecimento teórico em Ciência da Informação no Brasil, questões e paradigmas na abordagem da elite- Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. 2008.</p>	<p>Teoria da Informação</p>
<p>Entre a retórica e a filosofia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação - Gustavo Silva Saldanha. 2009.</p>	<p>Teoria do humanismo informacional</p>
<p>O documento na Ciência da Informação: tradição e inovação conceitual a partir de uma abordagem histórica e epistemológica - Rodrigo Rabello. 2009</p>	<p>Teoria de Programa de pesquisa</p>
<p>Situando a Epistemologia Social no contexto da Ciência da Informação Nanci Elizabeth Oddone. 2010</p>	<p>Teoria da Epistemologia social</p>

Fonte: Elaborado pela própria autora

Busca-se neste momento agrupar as teorias que conversam entre si de acordo com a similaridade teórica entre elas a fim de apresentá-las enquanto formações discursivas.

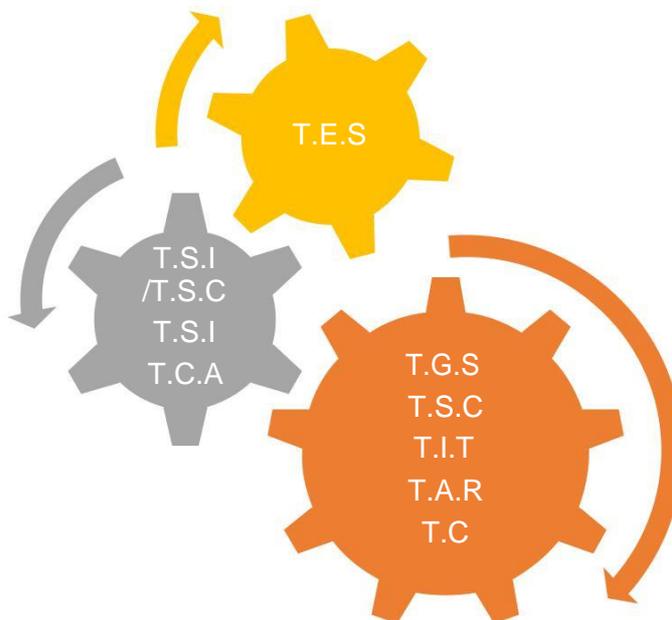
Quadro 4: Teorias agrupadas por similaridade teórica e sua ocorrência<sup>8</sup>

<b>TEORIAS</b>	<b>OCORRÊNCIA</b>
Teoria da Informação – teoria unificada da informação	2
Teoria da Epistemologia Social	3
Teoria da Sociedade da Informação/Teoria da Sociedade do conhecimento – Teoria da Sociedade da Informação – Teoria do Conhecimento em Ação	3
Teoria Geral dos Sistemas – Teoria dos sistemas cognitivos – Teoria da ideologia da tecnoestrutura – Teoria do ator rede – Teoria do caos	5
Teoria do essencialismo/teoria do pragmatismo/ teoria do humanismo informacional.	2

Fonte: Elaborada pela própria autora

<sup>8</sup> Quatro teorias do quadro 3 (Teoria de Benjamin, Teoria apresentada como conceito de Ciência Formativa, Teoria do testemunho, Teoria de Programa de pesquisa) foram desconsideradas no quadro 4 por não possuírem similaridade teórica entre si.

Figura 1: formações discursivas enquanto elementos da institucionalização cognitiva



Fonte: Elaborada pela própria autora.

Oriundas do quadro 4, foi possível encontrar três formações discursivas que são uma síntese das argumentações desenvolvidas nos trabalhos analisados na primeira década do ENANCIB.

Destacada em amarelo a Teoria da Epistemologia social se caracteriza como uma formação discursiva na medida em que no corpus dos quinze trabalhos analisados, ela se destacou em três. Segundo Egan; Shera (1952) esta teoria se detém no estudo do ciclo de produção, circulação e uso do conhecimento e acredita-se que estes três trabalhos de enunciadores distintos (Leonardo Vasconcelos Renault; Ana Maria Rezende Cabral no primeiro trabalho, Maria Nélida González de Gomez no segundo e por fim Nanci Elizabeth Oddone no terceiro trabalho) seja um elemento da institucionalização cognitiva da área pois verifica-se consenso quanto as investigações, na medida em que trataram da mesma teoria mas não necessariamente colocando definições idênticas.

O grupo de trabalho de estudos históricos e epistemológicos nos anos de 2007 e 2010, em que estes trabalhos foram publicados, estava sob a coordenação

de Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Ou seja, sob a coordenação da referida professora buscou-se legimitar a Teoria da Epistemologia Social. Esta teoria foi criada por dois bibliotecários e professores americanos, condizendo com a formação de Lena Vania Ribeiro Pinheiro que é bibliotecária pela Universidade Federal do Pará, ou seja, esta formação discursiva, coloca a biblioteconomia como área capaz de criar teorias que auxiliem não só a biblioteconomia mas a Ciência da Informação como um todo. Neste caso o papel se inverte, a Biblioteconomia não é vista enquanto disciplina que recebe as teorias desenvolvidas pela Ciência da Informação mas como área capaz de desenvolver teorias e contribuir para discussões da Epistemologia da Ciência da Informação.

Destacada em cinza, temos a segunda formação discursiva em que coloca de um lado a Sociedade da Informação como sendo sinônimo da Sociedade do Conhecimento, e do outro lado, a Sociedade da Informação como base que representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia sendo reflexo da globalização, representando uma preparação para a Sociedade do Conhecimento, que se efetivará quando se ultrapassarem as preocupações com a dimensão econômica.

Ainda nesta segunda formação discursiva, temos a teoria do conhecimento em ação que seria um registro que representa consenso social e sua organização e representação é feita para que um novo conhecimento possa ser gerado. Ter na mesma formação discursiva estes elementos evidencia que nesta formação há um quadro conflitivo, na medida em que é assumido, ou seja, “pode ser dito” que a sociedade da Informação é sinônimo da Sociedade do conhecimento ao mesmo tempo que também pode ser dito que não estamos na Sociedade do conhecimento mas inseridos em uma sociedade da Informação que caminha se trilhar um caminho que ultrapasse a preocupação primaria com a dimensão econômica podemos chegar a sociedade do Conhecimento, em que teríamos um registro que representa consenso social.

Há considerações ideológicas a serem feitas sobre esta segunda formação discursiva na medida em que há uma contradição que é evidenciada e será explicada a seguir. O trabalho que coloca a teoria da Sociedade do Conhecimento como sinônimo da teoria da Sociedade da Informação foi publicado em 2007, e tem como enunciador Carlos Alberto Ávila Araújo, que é doutor em Ciência da

Informação pela UFMG. Já o trabalho que destaca a sociedade do Conhecimento foi publicado em 2005 e tem como enunciador Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. Em 2005, o GT1 era coordenado por Maria Nélide González de Gomez, e em 2007, coordenado por Lena Vânia Ribeiro Pinheiro.

Ou seja, a argumentação de colocar a Teoria da Sociedade da Informação como sinônimo da Teoria da Sociedade do conhecimento foi aceita e validada pela coordenação de Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, que dois anos antes destacou a Sociedade da Informação como uma preparação para a Sociedade do Conhecimento. Neste caso vemos o apagamento ideológico desta última ideia de Lena Vânia Pinheiro como enunciativa por conta da atualização trazida pela enunciação de Carlos Alberto Ávila em colocar a sociedade do conhecimento como sinônimo da sociedade da Informação, Lena Vânia Pinheiro enquanto coordenadora legitima a evolução da discussão sobre Sociedade da Informação e Sociedade do conhecimento ao deixar de lado o que defendeu em 2005, sendo também importante destacar em nível ideológico que hoje Carlos Alberto Ávila de Araújo é vice presidente da ANCIB.

Acredita-se que nesta segunda formação discursiva a institucionalização cognitiva aconteça pois há o reconhecimento e legitimação de evolução da discussão de teorias, mostrando no final das contas um consenso, no âmbito do enancib, no que tange as investigações acerca da Sociedade da Informação e Sociedade do conhecimento.

Destacada em laranja temos a terceira formação discursiva formada pela Teoria Geral dos Sistemas, a Teoria dos Sistemas Cognitivos, a Teoria da Ideologia da Tecnoestrutura, a Teoria do Ator rede e a Teoria do Caos. O que faz dessas teorias unidas uma formação discursiva é o fato de as cinco serem reflexo e por consequência terem surgido na Pós-modernidade das Ciências com que a Ciência da Informação dialoga. A perspectiva pós moderna é reivindicada pela Epistemologia da Ciência da Informação pois dá para as discussões da área um maior nível de maturidade.

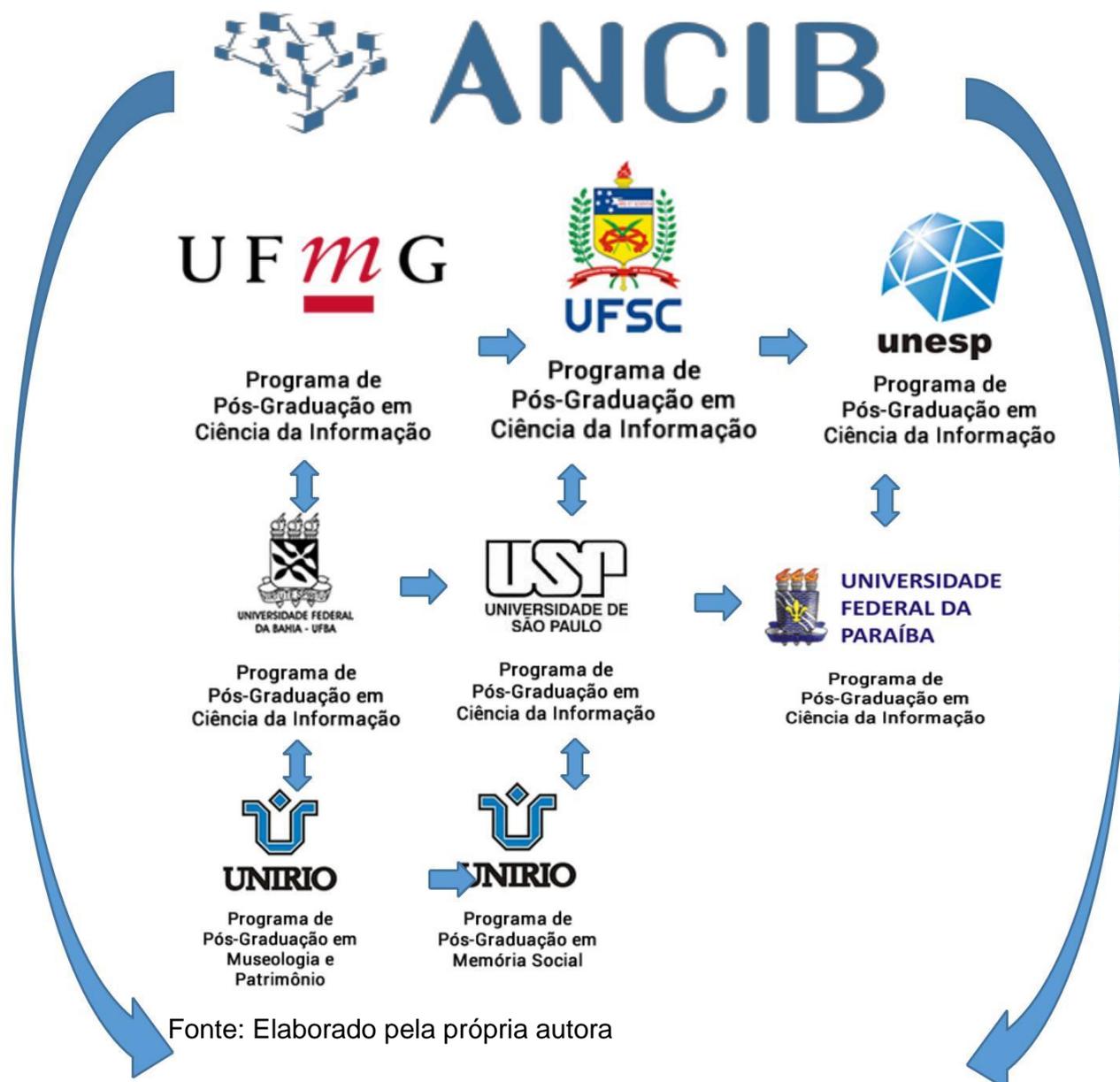
Nos anos em que estas teorias foram apresentadas o Grupo de Estudos Históricos e epistemológicos estava sob a coordenação em 2003 de Isis Paim, já em 2005 por Maria Nélide González de Gomez, em 2006 também por Maria Nélide González de Gomez e em 2007 por Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. Ou seja, refletindo os interesses da Ancib enquanto órgão que legitima tendências de pesquisa, a

coordenação destas enunciadoras possui papel ideológico na medida em que é impregnado pelo papel institucional atribuído as mesmas refletindo os interesses da ANCIB em legitimar a área enquanto Ciência Pós-moderna.

É possível afirmar que a institucionalização cognitiva acontece nesta terceira formação discursiva pois encontrou-se semelhanças cognitivas em cinco teorias que buscavam atestas a perspectiva da Pós modernidade da área.

Entende-se a institucionalização social como as engrenagens que fazem estas formações discursivas se relacionarem. Estas engrenagens são: a ANCIB em relação com os programas de pós graduação que sediaram, organizaram e legitimaram os discursos do Enancib em sua primeira década:

Figura 2: A institucionalização social da Ciência da Informação na primeira década do GT1 do ENANCIB.



## 8 CONCLUSÃO

Acredita-se que o objetivo geral deste trabalho foi atingido pois foi delineado o percurso discursivo da Ciência da Informação em seu evento de maior importância no país, o ENANCIB, através da análise discursiva dos Anais do GT 01 sobre estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação em sua primeira década. Entendeu-se que a a institucionalização cognitiva e social tem o poder de ressaltar a opacidade da institucionalização científica no âmbito da Ciência da Informação, sendo esta última responsável e refém de suas próprias enunciações

No capítulo 2, apresentou-se o delineamento do método. Neste momento foram situados os elementos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de Matriz Francesa, acredita-se que neste capítulo cumpriu-se o primeiro e segundo objetivos específicos deste trabalho pois através da exposição da história da Análise do Discurso de matriz Francesa foi possível entender de forma mais clara seus conceitos e por fim seu método realizando assim a interseção entre a Linguística e a Ciência da Informação, e também entendendo a importância o termo “Discurso” em sua relação com os estudos da Linguagem e a Organização do Conhecimento.

No capítulo quatro, foi apresentada a metodologia de fato, e mostrou-se como o trabalho seria estruturado em fases teórico metodológicas, a fim de facilitar a leitura do mesmo.

No capítulo quatro, denominado como primeira fase teórica-metodológica foi realizada uma revisão de literatura sobre canais de comunicação científica a partir do clássico de Meadows (1999) e então, verticalizou-se a discussão a partir da revisão de literatura sobre institucionalização científica, cognitiva e social com o sociólogo francês Whitley (1994), e entendeu-se, em nível teórico como se dá a Institucionalização social da CI no Brasil e também a Institucionalização da primeira década dos estudos do GT1 do ENANCIB, atingindo assim o terceiro objetivo específico na medida em que esta discussão auxiliou no entendimento da Ciência da Informação em sua contemporaneidade.

No capítulo cinco, denominado como segunda fase teórica-metodológica, foi realizada a seleção dos trabalhos que foram analisados e além disso uma contextualização teórica sobre a forma o conceito de teoria de Thomas Khun, na

medida em que os trabalhos foram analisados buscando se ater as Teorias da Epistemologia da área. Foi encontrada uma lacuna no primeiro ano (2000) em que o Enancib criou um GT destinado a epistemologia, pois os trabalhos não estavam classificados pela identificação dos Grupos de Trabalhos Gt, aos quais tinham sido apresentados e os pesquisadores não tiveram acesso à listagem de trabalhos submetidos por Gts, sendo assim desconsiderou-se o ano 2000 da seleção.

No capítulo seis, denominado como terceira fase teórica-metodológica, foram realizadas as análises discursivas e atingiu-se o quarto objetivo específico do trabalho pois através da aplicação do método adaptado de Pêcheux&Fuchs (1997) por Orlandi (2000) sistematizou-se as diferenças e semelhanças discursivas dentro de cada trabalho analisado.

No capítulo sete, atingiu-se o último objeto específico, denominada como quarta fase teórico metodológica, ocorreu a discussão dos resultados retratando as formações discursivas encontradas devido a análise, e a forma como a institucionalização cognitiva e social incidiram e moldaramo GT1 em sua primeira década.

Acredita-se que o interesse da ANCIB em legitimar a Ciência da Informação enquanto Ciência pós-moderna paute-se na interesse ideológico de fazer com que as outras áreas do Conhecimento enxerguem a Ciência da Informação enquanto uma ciência madura que não apenas se beneficia dos conhecimentos já sedimentados pelas outras áreas mas que realiza uma troca em mesmo nível de maturidade teórica.

Esta perspectiva se mostrou incipiente pois através das análises discursivas foi possível constatar que os anais do GT1 em sua primeira década mostra uma série de lacunas epistemológicas exemplificada pela confusão realizada por Carlos Alberto Ávillla de Araújo, enquanto enunciador, que ao se utilizar de teorias oriundas da sociologia (Sociedade da Informação, Sociedade do Conhecimento) as colocou como sendo iguais, ignorando todas as discussões sociológicas que tais teorias carregam. Esta perspectiva foi validada pela área ao ter a legitimação de Lena Vânia Pinheiro (coordenadora do GT1 na época), ou seja, é aceito na Ciência da Informação colocar a Sociedade da Informação como sinônimo da sociedade do conhecimento, ou seja, a institucionalização cognitiva ocorre em âmbito interno, ignorando como já dito as discussões sociológicas.

Além disso, é importante pontuar que para uma Ciência que busca solidificar o discurso de que é “Pós Moderna” é primordial ter suas bases de dados organizadas de maneira homogênea, o que não ocorre no caso da ANCIB, que apresenta os trabalhos de forma dispersa, dificultando o acesso. Reflexo desta perspectiva se apresentou na dificuldade em acessar os trabalhos, para solucionar a questão e ter acesso fluído aos trabalhos recorreu-se ao Grupo de Pesquisa Fapoi que possui os anais da primeira década, devido a participação do líder do grupo no evento.

Deste modo é possível afirmar que apesar da Institucionalização Cognitiva e Social ter sido realizada e elucidada através das formações discursivas deste trabalho, estas institucionalizações ficam no âmbito da Ciência da Informação em relação com seus pares e agências de fomento, ou seja, institucionalizações internas, possuindo um paralelo pouco delineado com outras áreas do conhecimento.

Em pesquisas futuras seria interessante investigar se há um paralelo delineado entre a institucionalização cognitiva e social e as outras áreas do conhecimento com que a Ciência da Informação dialoga.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. (ANCIB). **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/>>. Acesso em: 20.nov. 2015.

ARBOIT, A.E.; BUFREM, L.S. The production of scientific research in national events in the field of information science. **Transinformação**, v.23, n.3, p.207-217, 2011.

BARRETO. A.A. Olhar sobre os 20 anos da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em ciência da informação (ancib). *Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação*, v. 2, p. 3-28, 2009.

BARROS, R. C. B. de. A gagueira e sua terapêutica: estudo discursivo da escrita como possibilidade de recurso terapêutico. Campinas, 2004. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos de Linguagem. Programa de pós graduação em Linguística. 2004.

BRANDÃO, N. H. H. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

BARITÉ, M. **Organización del conocimiento: um nuevo marco teórico-conceptual em bibliotecología y documentación**. In: CARRARA, Kester (Org.). Educação, universidade e pesquisa. Marília: UNESP, 2001. p. 35-60.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989.

BUDD, J. Discourse Analysis and the Study of Communication in LIS. **Library Trends**, v. 55, n. 1, p. 65-82, 2006.

BRONCKART, J. P. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

**CAPES**. Relatório de avaliação 2010-2012: trienal 2013. Período avaliado: 2010-2013. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyfiHRyaWVudWwtMjAxM3xneDo0ZGNmNmU0MWRhNjYzOTQ>> acesso em: 20 nov. 2015.

CARVALHO, A, M, A. Novos enfoques no campo da Ciência da informação: uma discussão sobre a aplicabilidade do conceito de regime de informação em arranjos produtivos locais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.14, n. especial, 2009. Disponível em:<[http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S1413-99362009000400015&pid=S141399362009000400015&pdf\\_path=pci/v14nspe/a15v14nspe.pdf](http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S1413-99362009000400015&pid=S141399362009000400015&pdf_path=pci/v14nspe/a15v14nspe.pdf)>. Acesso em: 01. Jun. 2015.

DIAS, C. P. A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv. Campinas, 2004. **Tese** (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos de Linguagem. Programa de pós graduação em Linguística. 2004.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FISHER, R. B. **Trabalhar com Foucault**: A arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FROHMANN, B. Discourse Analysis as a Research Method in Library and Information Science. **Library and Information Science Research**, v. 16, p. 119-138, 1994a.

FROHMANN, B. Communication Technologies and the Politics of Postmodern Information Science. **Canadian Journal of Information and Library Science**, v. 19, n. 2, p. 1-22, 1994b.

GUIMARAES, J. A. C.; DODEBEI. **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. [recurso eletrônico] José Augusto Chaves Guimarães, Vera Dobedei (organizadores). – Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012 .

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 13.

INDURSKY, F. A Fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira. (1964-1984).Campinas, 1992. **Tese** (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos de Linguagem. Programa de pós graduação em Linguística. 1992.

KUHN, T. **S.A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LINARES, R., FERNÁNDEZ-MOLINA, J. C, VEGA. (2009). **Coordenadas paradigmáticas históricas y epistemológicas de la Ciência de la Información**: una sistematización. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/14-2/paper399.html>

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAGNANI, M. C. B.; PINHEIRO, M. M. K. “Regime” e “Informação”: a aproximação de dois conceitos e suas aplicações na Ciência da Informação. **Liinc. Em Revista**, v. 7, n. 2, 2011, p. 593-610.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MALDIDIÉ, D. (1994). Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: Orlandi, E. P. **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: editora atlas. 2010. p. 166.

MARTINS, G.K. Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil. Marília, 2014. **Tese** (Doutorado), Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Departamento de Ciência da Informação. 2014.

MAZIÈRE, F. **A análise do discurso**: História e práticas. São Paulo: Parábola editora, 2007.

MENEZES, E. M; SILVA, E. L; COUZINET, V. A Ciência da Informação na França eno Brasil. **Datagrama**. v.8 , n. 6, 2007.

MUELLER, S. P. M. O periódico científico. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B.V.; KREMER, J. M. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. cap. 5, p. 73-95.

NUNES, J. H. A construção dos leitores nos discursos dos viajantes e missionários. Campinas, 1992. **Dissertação**. (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos de Linguagem. Programa de pós graduação em Linguística. 1992.

OLINTO, G. **Mestre em Ciência da Informação**: 25 anos do curso do IBICT/UFRJ. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 1, p. 143-147, 1995.

ORLANDI, E.L.P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. L. P. **Discurso e leitura**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, E. P. **Gestos de Leitura**: da História no discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. 1975. In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux** / organizadores 3.ed. Francaise Gadet; Tony Hak; tradutores Eni Pulcinelli Orlandi... [et al.] — 3. ed. — Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RADFORD, G. P. Trapped in our own discursive formations: toward an archaeology of library and information science. **The Library Quarterly**, v. 73, n. 1, p. 1-18, 2003.

VEGA-ALMEIDA, R.; FERNÁNDEZ-MOLINA, J.C; LINARES, R. Coordenadas paradigmáticas, históricas y epistemológicas de la Ciencia de la Información: una sistematización. **Information Research**, v.14, n.2, 2009, paper 399, <http://informationr.net/ir/14-2/paper399.html>

VICENTE, J. F. A interferência do discurso religioso na formação do sujeito: Um estudo de caso na zona da mata do vale do Guaporé-RO. Campinas, 2001. **Dissertação** (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos de Linguagem. Programa de pós graduação em Linguística. 2001.

WHITLEY, Richard. Cognitive and social institutionalization of scientific specialities and research areas. In: WHITLEY, Richard. **Social processes of scientific development**. London: Routledge and Kegan, 1974. p. 69-95.

## APÊNDICE A – TRABALHOS ANALISADOS

ROBREDO, J. Epistemologia da ciência da informação revisitada. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2003, Belo Horizonte MG. **Anais** do V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Belo Horizonte MG: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. v. CD ROM.

GONZALEZ de GOMEZ, M. N. Os vínculos e os conhecimentos. In: **Anais** V ENANCIB, 2003, Belo Horizonte. V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: Informação, Conhecimento e Transdisciplinaridade. Belo Horizonte: Escola de Ciência de Informação da UFMG, 2003. p. 1-20.

BICALHO, L. M.; BORGES, M. E. N. Transdisciplinaridade na ciência da informação. In: V ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2003, Belo Horizonte. **ANAIS DO IV ENANCIB**. BELOHORIZONTE: ECI/UFMG, 2003. v. 1.

SILVA, R. J.. Faces da Pesquisa e da Interdisciplinaridade em Ciência da Informação no Brasil. In: **Anais** Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2005, Florianópolis - SC. Política Científica e os Desafios da Sociedade do Conhecimento. Florianópolis: Enancib, 2005. p. 1-13.

PINHEIRO, L. V. R.. Evolução e tendências da Ciência da Informação, no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas . In: V Encontro Nacional de Pesquisas em Ciência da Informação, 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Informação, conhecimento e transdisciplinaridade.. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

CRIPPA, G.; ALMEIDA, MAarco Antonio de . A Ciência da Informação e a crítica ao modelo científico: uma revisão histórica.. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2005, Florianopolis. Encontro nacional de pesquisa em ciência da informação (ENANCIB).**anais...** Florianopolis: ancib/ufsc, 2005.

ARAÚJO, E. A. de. Por uma ciência formativa e indiciária:Proposta epistemológica para a Ciência da Informação. In: VI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pos-Graduação em Ciência da Informação - ENANCIB, 2005, Florianópolis. **Anais do VI ENANCIB**. Florianópolis/Santa Catarina: Editora da UFSC, 2005. v. 1.

PINHEIRO, L. V. R.. Movimentos interdisciplinares e rede conceitual na Ciência da Informação. In:**Anais** VII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2006, Marília. VII ENANCIB, 2006.

RABELLO, R; GUIMARÃES, J. A C . A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da Organização do Conhecimento: elementos para uma reflexão. In: **Anais** ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 2006, Marília.

RENAULT, L. V.; CABRAL, A.M.R. . Paradigmas e modelos em ciência da informação.. In: **Anais** ENANCIB, 2007, Salvador. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007. v. 8.

ARAUJO, C. A. A.. Diversidade na visão dos docentes da Ciência da Informação sobre sua área. In: VIII Enancib - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador. **Anais do VIII Enancib**. Salvador: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007.

GONZALEZ de GOMEZ, M. N.. Novas configurações do conhecimento e validade da informação. In: **Anais VIII ENANCIB**, 2007, Salvador, Bahia. VIII ENANCIB. Salvador, bahia, 2007. p. 1-15.

CASTIGLIONE, L. H. G.. Epistemologia Genética e Ciência da Informação: consonâncias estruturantes. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2007, Salvador. **Anais do VIII Enancib**. Brasília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), 2007.

ALVARES, L.; BATISTA, F. F . Ciência da Informação e Gestão do Conhecimento: a convergência a partir da Sociedade da Informação. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Salvador, BA. Ciência da Informação e Gestão do Conhecimento: a convergência a partir da Sociedade da Informação, 2007.

SALDANHA, G. S. Imago e vivência: uma reflexão sobre o essencialismo e o pragmatismo na Ciência da Informação. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2008, São Paulo. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.

RABELLO, R. O documento na Ciência da Informação: tradição e inovação conceitual a partir de uma abordagem histórica e epistemológica. In: **Gustavo Henrique de Araújo Freire. (Org.)**. A responsabilidade social da Ciência da Informação. 1ed. João Pessoa: X ENANCIB, 2009, v. 1, p. 277-303.

ODDONE, N. E. Situando a Epistemologia Social no contexto da ciência contemporânea. In: XI ENANCIB Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: ANCIB, 2010.